

# PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

---

## DA CLASSIFICAÇÃO E NOMENCLATURA DOS SURUCUAS BRASILEIROS (*TROGONIDAE*)

POR

OLIVÉRIO PINTO

Pelo esplendor e pompa da plumagem, muito poucos exemplos na aviária indígena poderão disputar primazia aos surucuás, nome típico de que ainda gozam em todo o Brasil as aves incluídas pelos ornitologistas na família *Trogonidae*. Entretanto, a despeito desta aparência magnífica, porque não se aventurem a frequentar os sítios povoados, e só casualmente abandonem a sombra da mata, seu verdadeiro habitat, estas aves podem-se dizer completamente desconhecidas, não só do comum das pessoas, como de quase toda a literatura estranha à bibliografia ornitológica. Basta considerar haverem escapado completamente à observação dos autores que escreveram sobre o Brasil recém-descoberto, inclusive Gabriel Soares e o Padre Fernão Cardim, entre os mais metuculosos. Para lhes encontrarmos referência precisamos chegar ao período holandês, com George Marcgrave, que sob a denominação de "Curucui" deixou-nos descrição e figura da espécie encontrada na região nordestina.

São os surucuás comuns ainda hoje em todas as partes menos devastadas, mais de uma espécie ocorrendo geralmente nos mesmos lugares. Durante a boa estação, a quem quer que, de ouvido atento às vozes da natureza, se interne pelas nossas matas, não tardará a destacar-se por entre o concerto da passarada a sua voz singela e altissonante, que a exemplo de Azara poderíamos representar graficamente por um *piô*, *piô*, *piô*. . . mais ou menos prolongado e a espaços repetido, mas que ao observador mais inhabil é muito fácil imitar, a ponto de iludir a própria ave, que em sua natural curiosidade acode prestes ao chamado, postando-se à distância bastante pequena para ser observada quase sempre sem dificuldade. O que aliás, tanto mais comodamente se consegue quanto permitem os

surucuás que deles nos acerquemos sem muitas cautelas, máxime nas horas calmosas do dia.

Técnicamente, um carácter bastaria por si só para definir os *Trogonidae*: é a conformação particular e única dos pés (por isso chamados heterodáctilos), que lembram à primeira vista os dos papagaios e mais aves trepadoras (de pés ditos zigodáctilos), mas diferem fundamentalmente pela posição dos dedos, dos quais são trazeiros o primeiro e o segundo (em vez de primeiro e quarto), e dianteiros o terceiro e quarto (em vez de segundo e terceiro). A esta conformação das patas corresponde arranjo também sui-generis dos tendões dos musculos flexores dos dedos, o primeiro dos quais (dedo polegar, ou halux) recebe como o seu vizinho um ramo direto do flexor perfurante, ao contrário do que acontece nas aves zigodáctilas, cujo polegar está em relação somente com o longo flexor (dito também flexor do halux).

Os surucuás são aves de porte pequeno ou, mais raramente, mediano; o bico forte e curto, alargado na base e regularmente convexo, é de regra mais ou menos serrilhado nas bordas, e levemente ganchozo na ponta. As asas, de 10 rectrizes primárias, são antes curtas, e bastante convexas; a cauda, de 12 rectrizes, é relativamente longa (sempre mais comprida do que a asa), com as rectrizes laterais muito mais curtas do que as centrais. Nas espécies brasileiras, abstracção feita do género *Pharomachrus*, em que é fraco o dimorfismo sexual, machos e fêmeas diferem ordinariamente muito no colorido da plumagem, sobressaindo os primeiros pelo intenso brilho metálico e acatassolado das partes superiores, geralmente verdes, com cambiantes de ouro e bronze, ou senão violáceas, em contraste com o abdome, cor de carmim, róseo, alaranjado, ou amarelo. As fêmeas, ora cinzentas, ora oliváceo-pardacentas, diferem completamente pela plumagem sem brilho, a que serve apenas de enfeite o colorido do abdome e também, na maioria das espécies, o desenho particular das rectrizes laterais e coberteiras superiores das asas. As penas de revestimento possuem um hipóptilo bastante desenvolvido; a glândula de óleo uropigial é desnuda; a pele, delgadíssima, deixa que as penas se desprendam ao menor atrito, donde a preparação de bons espécimes para museus tornar-se operação delicada, e só acessível aos mais adestrados nesse mister.

Os Trogônidas, representantes únicos da ordem dos *Trogoniformes*, não apresentam traços anatômicos que permitam estabelecer o seu parentesco mais próximo com qualquer outro grupo de Aves. A estrutura da abóbada palatina óssea, que a Huxley, com material inadequado, se afigurara semelhante à da dos cucos (*Cuculiformes*), e assim filiar-se ao tipo inteiriço por ele chamado desmognato, prova ter antes analogias com a das aves esquizogna-



♀ e ♂ de *Trogon rufus chrysochloros* Pelzeln (à esquerda)  
♂ e ♀ de *Trogon surrucura surrucura* Vieillot (à direita)

tas (palatinos livres de união com o vomer), em que se incluem também os bacuraus (*Caprimulgiformes*) e, para alguns autores, como Gadow, as próprias corujas (*Strigiformes*). Como nestas duas ordens, as apófises basiapterigoides estão sempre presentes, assumindo até particular desenvolvimento.

A grande maioria dos representantes da família está distribuída pelas regiões quentes do continente Americano (e grandes Antilhas), desde o México até o Paraguay e o norte da República Argentina, com exclusão da costa meridional Pacífica; no Velho Mundo ocorrem em dois centros diferentes de distribuição, um dos quais compreende o sudeste da Asia e as ilhas de Sonda; ao passo que o outro abrange quase todo o continente africano. Essa distribuição aparentemente caprichosa representa o resíduo de uma primitiva área de dispersão muito mais extensa; que à luz da paleontologia sabemos ter abrangido no período mais quente da era terciária as regiões hoje temperadas da Europa.

Não há diferenças estruturais importantes entre os surucuás dos dois mundos; mas, no que respeita ao modo de vida, há a notar que as espécies do Antigo Continente se alimentam exclusivamente de insetos, enquanto que as da América se sustentam de frutos, e só ocasionalmente devoram também insetos e lagartas. Todavia, umas e outras abocanham o alimento sem interromper o vôo, que aliás é curto, e visa diretamente o objetivo, voltando quase sempre a ave ao mesmo posto após cada evolução, a modo do que é regra entre as estritamente insetívoras, como os cuitelões, dorminhocos e bem-te-vís.

Fora da época da reprodução, que nos Estados meridionais do Brasil coincide com o início da primavera, levam os surucuás vida solitária, a menos que a abundância de alimento os faça ocasionalmente afluír a um mesmo lugar. Para fazer o ninho utilizam os casais cavidades de troncos, que amaciam com pau podre, ou outra matéria vegetal em decomposição; algumas espécies mostram decidida preferência pelos ninhos de cupim, talvez porque neles seja mais fácil trabalhar com o bico do que na madeira, ou ali encontrem melhores condições para ficar a salvo de inimigos naturais. A este propósito merecem ser citadas a velha observação de Azara, relativa a *Trogon surrucura*, e a nota de Ihering (Rev. Mus. Paul., IX, p. 428) sobre um ninho de *Trogon strigilatus* obtido em Santa Catarina.

As espécies brasileiras têm sido repartidas em número variável de gêneros conforme o variável ponto de vista dos autores. Ridgway, em sua conhecida obra sobre as aves da América trans-equatorial (Bull. 50, Unit. St. Nat. Mus., V, p. 731) admite nada menos de cinco, cuja diagnose daremos abaixo, resumindo a chave por ele organizada e indicando sob os nomes aqui adotados as espécies

brasileiras incluídas em cada qual por aquele eminente ornitólogo:

- a. Bordos do bico lisos (sem serrilha), afora o entalhe subterminal; narinas em fenda longitudinal, protegidas por opérculo; coberteiras superiores, compridas, especialmente as de cauda, que não raro ultrapassam de muito as mais longas rectrizes (*pavoninus*) . . . . . *Pharomachrus*
- aa. Bordos do bico, especialmente os da mandíbula, serrilhados; narinas redondas, sem opérculo; coberteiras superiores, tanto das asas como da cauda, curtas (as da cauda nunca alcançam sequer a metade do comprimento das rectrizes).
- b. Pés robustos, com o dedo médio mais comprido do que o tarso; porte maior e bico proporcionalmente mais grosso
- c. Dedos anteriores unidos até o fim da segunda falange; cauda menos graduada e rectrizes mais arredondadas na ponta, sempre sem branco (*melanurus*) . . . . . *Curucujus*
- cc. Dedos anteriores unidos até a parte somente da segunda falange; cauda mais fortemente graduada e rectrizes mais largas, truncadas na ponta, que é sempre branca nos três pares laterais (*strigilatus*) *Trogon*
- bb. Pés relativamente franzinos, com o dedo médio do comprimento do tarso; porte mais reduzido e bico proporcionalmente um pouco menor e mais fraco
- d. Tarso plumado até, quando muito, a metade do seu comprimento; cauda decididamente mais comprida do que a asa; plumagem juvenil pintada, muito diferente da dos adultos (*rufus, curucui, surrucura*) . . . . . *Trogonurus*
- dd. Tarso plumado em quase toda sua extensão; cauda, no máximo, de comprimento apenas maior que o da asa; plumagem dos jovens semelhante à dos adultos (*violaceus*) . . . . . *Chrysotrogon*

Para nós, excepção feita de *Pharomachrus*, cujas características próprias apresentam valor genérico indiscutível, só *Chrysotrogon* possuiria títulos para merecer a categoria de gênero independente, dada a similitude da plumagem dos jovens com a dos adultos, e a exiguidade do porte; não obstante, ainda assim temos dúvida sobre

a vantagem que haveria em separá-lo de *Trogon*, gênero a que conseqüentemente referiremos todos os surucuás brasileiros de bico serilhado, narinas redondas e coberteiras superiores de comprimento normal.

### Gênero **Pharomachrus** De la Llave

*Pharomachrus* De la Llave, 1832, Registro Trimestre, I, N.º 1, p. 48. Tipo por monotipia, *Pharomachrus mocinno* De la Llave.

*Calurus* Swainson, 1837, Classif. of Birds, II, p. 337. Tipo, por monotip., *Trogon resplendens* (= *Pharomachrus mocinno* De la Llave).

Grandes surucuás, de tòmias (bordos do bico) lisas, com exceção apenas de um pequeno entalhe próximo à extremidade da maxila (metade superior do bico), coberteiras superiores da cauda muito longas (em certos casos excedendo de muito a ponta das rectrizes) e coberteiras superiores das asas (as médias especialmente) igualmente alongadas e pendentes. Fêmeas de plumagem muito menos brilhante do que a dos machos, mas, ainda assim, mais ou menos lustrada de reflexos metálicos. Das espécies do gênero, entre as quais figura o célebre Quetzal (*P. mocinno mocinno* De la Llave) da América Central, a única a ocorrer em território brasileiro é a descrita por Spix sob o nome de *Trogon pavoninus*.

### **Pharomachrus pavoninus** (Spix).

A ausência de crista vertical de penas (peculiar a *mocinno*) e as rectrizes laterais sem vestígio de branco caracterizam suficientemente esta espécie, composta, pelo menos, de duas raças bem distintas, uma das quais (*P. pavoninus auriceps* Gould), maior do que a brasileira e de bico amarelo (em vez de carmíneo) é peculiar ao noroeste extremo da América Meridional (Colômbia, Venezuela, norte do Peru).

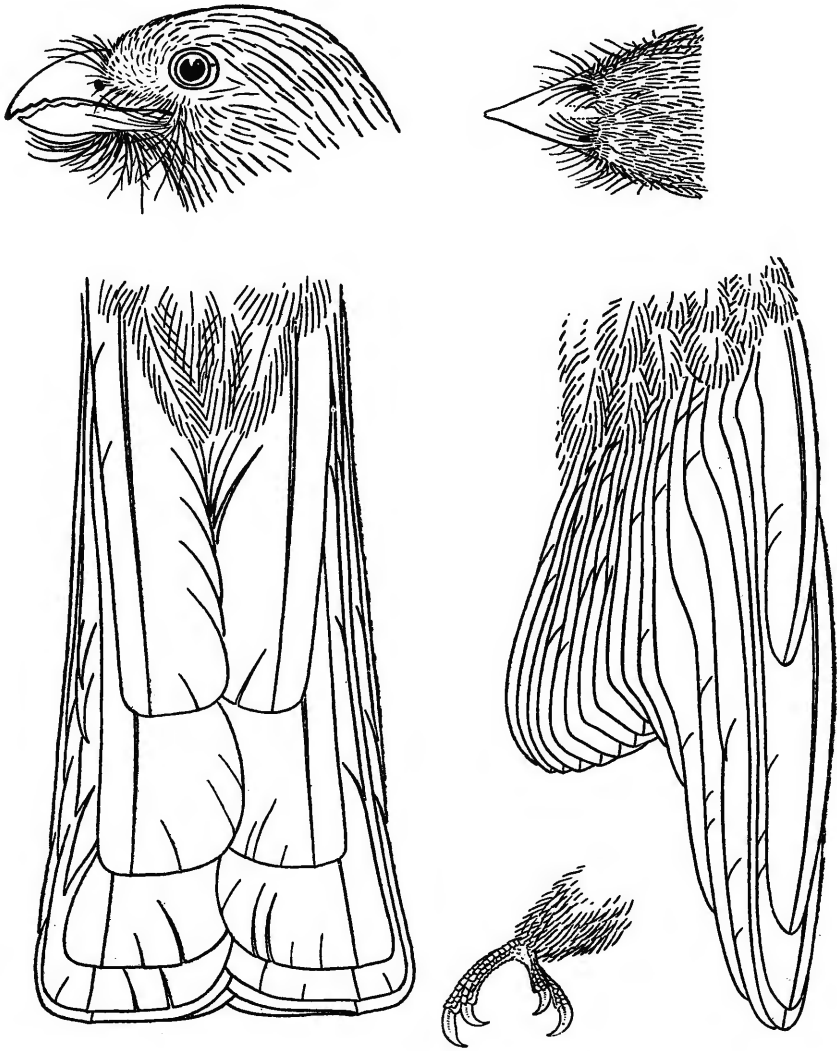
### **Pharomachrus pavoninus pavoninus** (Spix)

*Trogon pavoninus* Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 47, tab. XXV: "in sylvis Tabatingae et Marabitanas". — A estampa, bastante medíocre, representa um ♂ adulto, com as duas mais longas coberteiras supracaudais apenas mais longas do que as rectrizes.

*Trogon pavoninus* Gould, 1838, Monogr. Trog., 1.ª ed., pl. 23 e texto.

*Calurus pavoninus* Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., II, p. 273.

*Pharomaerus pavoninus* Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lon., p. 583: Barra do Rio Negro (coleç. por Wallace).



*Pharomachrus pavoninus pavoninus* Spix

- Pharomacrus pavoninus* Pelzeln, 1868, Zur. Orn. Bras., I, p. 20: exempls. coleccionados por Natterer no alto Rio Negro (Santa Izabel, Marabitanas), no Rio Xié (afluente do primeiro) e Barra do Rio Negro (hoje Manáus).
- Pharomacrus pavoninus* Grant, 1892, Catal. of Birds of Brit. Museum, XVII, p. 436: Equador (Sarayacu), Peru (Chamicuros, Santa Cruz, Rio Ucayali), Rio Xié (exempl. de Natterer), Barra do Rio Negro (Wallace).
- Pharomacrus pavoninus* Ihering, 1904, Rev. do Mus. Paulista, VI, p. 444: Rio Juruá (colec. por E. Garbe).
- Pharomacrus pavoninus* Hellmayr, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wissens., II Kl., XXII, p. 595. — O autor estuda dois machos do Museu de Munich, que embora não tivessem outra indicação de procedência além de "Brasilien", traziam todos os indícios de serem os coleccionados por Spix.
- Pharomacrus pavoninus* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, p. 157: Rio Juruá.
- Pharomacrus pavoninus* Pinto, 1937, Rev. Mus. Paulista, XXIII, p. 509: dois machos ad. de São Gabriel (alto Rio Negro, coleccionados por Camargo Andrade).
- Pharomacrus pavoninus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paulista, XXII (Catal. Av. Bras., pte. 1.ª), p. 287: Rio Juruá, São Gabriel.
- Pharomacrus pavoninus viridiceps* Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, N.º 2, p. 426: baixo Amazonas. — Nesta suposta raça, sobre a procedência de cujo tipo (C. M. Calverly col.) não há informação exata, os machos adultos difeririam dos da forma típica no menor comprimento das coberteiras supracaudais. ("not reaching to tip of tail") e na ausência de reflexos dourados ou brônzeos na cabeça. Por outro lado as fêmeas teriam o verde mais escuro, e o lado inferior mais pardo.
- Pharomacrus pavoninus viridiceps* Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 179: Tauari (marg. direita do baixo Tapajós).
- Pharomacrus pavoninus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 4: 24 exempls. dos rios Solimões (São Paulo de Olivença, Tonantins, Caviana), Purus (Arimã, Hiutanahã) e Tapajós (Vila Braga). — A comparação dos espécimes do Rio Tapajós com os do Solimões não permite ao autor a aceitação de *P. p. viridiceps*.
- Pharomacrus pavoninus pavoninus* Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, p. 83: João Pessoa, Igarapé Grande, Lago Grande (alto Juruá).
- Pharomacrus pavoninus pavoninus* Friedmann, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 425: São Gabriel, Salto do Huá, Serra Imeri (alto Rio Negro).

São caracteres do macho adulto: partes superiores, inclusive as coberteiras superiores das asas e da cauda, verdes, intensamente lustradas de reflexos metálicos dourados ou brônzeos, com cambianes de azul; garganta e alto do peito igualmente verdes, com

reflexos cor de ouro; baixo peito, abdome e coberteiras inferiores da cauda de intenso colorido vermelho-carmesim ou sanguíneo; rêmiges (tanto as primárias como as secundárias) e rectrizes (cauda) inteiramente pretas, tanto no lado superior como no inferior; bico vermelho (desmaiando em amarelo, do meio para a ponta, nos exemplares conservados); pés pardo-azulados. Medidas: asa 179-182 mms.; cauda 158-170 mms.; culmen 20-22 mms.

As fêmeas, de que não temos conhecimento ocular, são assim descritas: "Cabeça e alto do peito pardo-acinzentados, lavados de verde-metálico; resto das partes superiores semelhantes como no macho, porém menos brilhantes; garganta, peito e abdomen cinzento-pardos; crisso e coberteiras inferiores da cauda vermelhos; primárias e quase todas as secundárias com a barba externa marginada de camurça; rectrizes dos três pares laterais com a maior parte da barba externa e a ponta da barba interna branca, raiadas transversalmente de preto" (Grant).

O colorido verde-metálico, como é a regra, circunscreve-se à parte terminal e exposta das penas, cuja porção basal e encoberta passa bruscamente ao preto retinto.

A tonalidade dos reflexos metálicos varia muito, conforme os indivíduos, oscilando entre o verde dourado e o cúpreo, donde nos parecer impraticável a separação de raças geográficas com base neste carácter. Outro tanto sói acontecer com o comprimento das coberteiras superiores da cauda, as quais, em machos adultos de igual procedência, ora se avantajam consideravelmente às rectrizes, ora não alcançam a sua extremidade. Entre exemplares do alto Rio Juruá que temos sob exame, um (Garbe col., IX de 1902) se destaca pelo brilho francamente cobreado das partes superiores e especialmente do alto da cabeça, ao passo que outro (Olalla, 22 de jan. de 1937), de plumagem verde-dourada, se assinala pela ausência quase completa de reflexos cúpreos. As coberteiras superiores da cauda, que em ambos terminam aproximadamente ao nível das rectrizes centrais, ultrapassam bastante estas últimas num ♂ de São Gabriel (alto Rio Negro, Camargo col., dez. 1936), semelhante quanto à plumagem ao ♂ do Juruá coligido por Garbe.

Essa observação, que muito corrobora as notas publicadas ultimamente pelo Conde Gyldenstolpe (1945), leva-nos a pensar que a razão estará com Todd (1943), quando refere também à forma típica as populações do baixo Amazonas, que Griscom & Greenway (1937) aventaram separar como raça particular, sob a denominação de *P. pavoninus viridiceps*.

DISTRIBUIÇÃO — Floresta amazônica de sudeste da Colômbia (Caquetá), leste do Equador (Sarayacu) e do Peru (Rio Ucayali, Chamicuros etc.) e noroeste do Brasil: Rio Solimões (Tabatinga, São Paulo de Olivença, Tonantins, Caviana), Rio Negro (Mara-

bitanas, São Gabriel, Serra Imeri, Barra do Rio Negro) e altos-afluentes (Rio Xié, Rio Maturacá etc.), alto Juruá (João Pessoa, Igarapé Grande etc.), Rio Purus (Arimã, Hiutanahã), Rio Tapajós (Vila Braga, Tauari).

### Gênero **Trogon** Brisson

*Trogon* Brisson, 1760, Ornithol., IV, p. 164. Tipo designado por Stone (1907), *Trogon viridis* Linné (= *Trogon strigilatus* Linné).

*Curucujus* Bonaparte, 1854, Ateneo Italiano, n.º 8 (Consp. Voluc. Zygod., p. 14). Tipo, designado ulteriormente por Gray (1855), "*Trogon curucui* Linn." (= *T. melanurus* Swainson).

*Trogonurus* Bonaparte, 1854, Ann. Sci. Nat. (Zool.), 4ta. ser., p. 130 (*nomen nudum*); Ateneo Italiano, n.º 8 (Consp. Voluc. Zygod., p. 14). Tipo, designado por Gray (1855), *Trogon collaris* Vieillot.

*Hapalophorus* Cabanis & Heine, 1863, Museum Heineanum, IV, p. 199. Tipo, por designação original, "*Trogon surucua* Vieill." (= *T. surrucura* Vieillot).

*Microtrogon* Goeldi, 1909, Bol. Mus. Goeldi, V, p. 94. Tipo, por designação original, "*Trogon ramonianus* Des Murs" (= *T. violaceus ramonionus* Des Murs). O autor baseia a diagnose na conformação especial do culmen em aresta cortante, carácter no caso de valor apenas subespecífico, como adiante veremos, visto faltar na forma típica de *T. violaceus*.

*Chrysotrogon* Ridgway, 1911, Bull. 50 Un. St. Nat. Mus., V, pp. 733 (em chave) e 784. Tipo de "*Trogon ramoniana* Deville & Des Murs". A despeito de ter o mesmo tipo de *Microtrogon*, a conceituação do gênero de Ridgway, como se viu atrás (p. 96) é muito diferente, abrangendo, agora as várias formas de *T. violaceus*, a espécie *T. caligatus*, estranha ao Brasil.

Com Peters (*Check-List Bds. World*, V, 1945, p. 150 e segs.), enfeixaremos no gênero *Trogon* todos os surucuás da avifauna brasileira, exceção feita da espécie anteriormente descrita. De porte bastante variável, mas sempre inferior ao de *Pharomachrus*, têm como caracteres comuns coberteiras superiores da cauda e das asas normalmente constituídas, bico de bordos denteados ou serrilhados, e dimorfismo sexual muito mais acentuado, a plumagem das fêmeas contrastando fortemente com a dos machos pela ausência completa de qualquer lustro metálico. A chave abaixo dá as características suficientes para distinguir os indivíduos adultos de todas as espécies incluídas no quadro deste trabalho.

#### CHAVE DIAGNÓSTICA DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO *TROGON*

- a. Plumagem das partes superiores, e bem assim a do peito  
lustrada de intenso brilho metálico .. .. .

♂ ♂

- b. Rectrizes pretas até a extremidade, inclusive as dos três pares laterais .. .. . *T. melanurus*
- bb. Rectrizes dos três pares laterais com mais ou menos branco, pelo menos na extremidade
- c. Rectrizes laterais brancas na ponta, e transversalmente raiadas de branco e preto no resto
- d. Abdome amarelo
- e. Tamanho maior; partes superiores (inclusive o alto da cabeça) e bem assim o peito, verdes, com reflexos dourados .. .. . *T. rufus*
- ee. Tamanho muito menor; alto da cabeça e peito cor de anil .. .. . *T. violaceus*
- dd. Abdome vermelho
- f. Cabeça e peito azuis-ferretes, em contraste com o dorso, verde-dourado .. .. . *T. curucui*
- ff. Ditos verdes-bronzeados, como o dorso e as rectrizes centrais .. .. . *T. collaris*
- cc. Ditas não raiadas, mas apenas com a porção terminal branca em maior ou menor extensão
- g. Coberteiras superiores das asas de colorido preto uniforme; abdome amarelo .. .. . *T. strigilatus*
- gg. Ditas coberteiras finamente chuviscadas de branco; abdome vermelho ou alaranjado .. .. . *T. surrucura*
- aa. Ausência completa de brilho metálico em qualquer parte da plumagem .. .. . ♀ ♀
- h. Partes superiores e peito cinzento-azulados; rectrizes centrais cinzento-escuras
- i. Rectrizes laterais cinzento-escuras até a ponta, como as demais (as do par externo às vezes com indícios de faixas brancas junto à orla externa) .. .. . *T. melanurus*
- ii. Rectrizes laterais com a ponta branca e a barba externa mais ou menos extensamente tingidas de branco
- j. Rectrizes centrais de colorido cinzento-escuro uniforme até a extremidade; abdome amarelo .. *T. strigilatus*
- jj. Rectrizes centrais cor de cinza, com a extremidade tarjada de preto
- k. Entre o abdome, cor de rosa, e o cinzento do peito interpõe-se geralmente uma zona branca ou esbranquiçada; o branco da orla das rectrizes externas é quase sempre manchado de faixas ou denticulações pretas .. .. *T. curucui*

- kk. O abdome, de colorido variável, confina diretamente com o cinzento do peito
- I. Tamanho pequeno; abdome amarelo; rectrizes laterais raiadas de preto e branco *T. violaceus*
  - II. Tamanho grande; abdome cor de rosa ou alaranjado; rectrizes laterais não raiadas *T. surrucura*
- hh. Ditas pardo-oliváceas; rectrizes centrais cor de ferrugem
- m. Abdome vermelho-carmíneo .. .. . *T. collaris*
  - mm. Abdome amarelo .. .. . *T. rufus*

### **Trogon melanurus** Swainson

Entre as outras espécies brasileiras do gênero distingue-se esta em terem os adultos de ambos os sexos todas as rectrizes pretas, sem qualquer mancha, a não ser um chuviscado branco mais ou menos denso na orla externa das dos pares laterais. Nos machos, as partes superiores e o peito são verdes, com mistura variável de azul ferrête ou violáceo e lustradas de reflexos dourados ou brônzeos; as rectrizes centrais (lado de cima), tarjadas de negro na ponta, são da cor do dorso, com banho mais intenso de azul; o abdome, como as coberteiras inferiores da cauda, é cor viva de carmim, separando-se do peito por uma área descorada, capaz de apresentar-se em certas populações (Amazônia inferior) como faixa branca transversal perfeitamente caracterizada; as coberteiras superiores das asas e as terciárias são chuviscadas ou vermiculadas de branco, sobre fundo preto; as primárias pretas, com a barba externa orlada de branco, com excepção da primeira (a contar de fora); o bico, no animal vivo, amarelo dourado (Hellmayr, 1912), inclusive na extremidade. As fêmeas, cor de cinza, têm as infracaudais e o abdome de um vermelho mais claro, passando anteriormente a cinzento, sem linha nítida de demarcação com o peito; as coberteiras das asas e rêmiges terciárias contíguas cinzento-escuras, com vermiculações transversais esbranquiçadas, mais ou menos distintas; o bico tem a metade inferior amarela e a superior pardo-escuro, amarelado na base, junto à borda. Nos imaturos de ambos os sexos as rectrizes dos três pares laterais são brancas na extremidade e mais ou menos distintamente raiadas de preto e branco na barba externa.

No que respeita à área de dispersão, *Trogon melanurus* alcança ao norte os confins da América Central com a Colômbia, a oeste o Equador (a porção ocidental inclusa) e o Perú, e ao sul o norte da Bolívia; no Brasil à Hiléia Amazônica, nela incluída o norte do Maranhão, e a porção mais alta do Rio Paraguai, no Estado de Mato Grosso.



- Trogon curucui* (não de Linné) Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 49; "in sylvis flumini, Solimoens". Já em 1823 Vieillot (Encycl. Méthod., III, p. 1362) havia aplicado ao presente surucuá o nome lineano; outros, como Lesson (1831), Gray (1845), Bonaparte (1850) e Burmeister (1856), depois de Spix, seguiram o mesmo exemplo.
- Trogon melanurus* Swainson, "1837" (= 1838), Anim. in Manager., p. 329: Demerara (Guiana Inglesa, ex Schomburgk).
- Trogon melanurus* Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 583: Pará (= Belém, Wallace col.).
- Trogon melanurus* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Brasil., I, p. 19, em parte: Pará (= Belém, col. Natterer).
- Trogon melanurus* Grant, 1892, Catal. of Birds of Brit. Museum, XVII, p. 472: Bogotá, Guiana Inglesa (var. locals.), Guiana Francesa e Brasil (exempls. de Natterer, Wallace e Bates): Pará, Barra do Rio Negro, Marabitanas.
- Trogon melanurus* Hellmayr, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. II Kl., XXII, p. 597. O autor verifica a concordância da descrição de Spix com um exemplar ♂ existente no Museu de Munich, que ao seu vêr "ist zweifellos eines der Originale".
- Trogon melanurus* Hellmayr, 1906, Novitates Zoologicae, XIII, p. 379: Prata (perto de Belém, Est. do Pará).
- Trogon melanurus melanurus* Hellmayr, 1912, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissens., Mathem.-physik. Kl., XXVI, pte. 2, p. 62: Peixe Boi (leste do Pará, na E. de Ferro de Bragança). Exemplares coleccionados por L. Müller em meados de 1910.
- Trogon melanurus* Sneathlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 209, em parte: Santo Antônio do Prata, Rio Iriri, Cussari, Ilha de Marajó (Rio Macujubim), Monte Alegre, Óbidos, Faro (Rio Jamundá), Maranhão.
- Trogon melanurus melanurus* Stone, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 159: Rio Guamá e Belém (J. Bond col.).
- Curucujus melanurus melanurus* Pinto, 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 509: Taracuá (Rio Uaupés) e Jauaretê (id.). Dois machos incompletamente adultos, col. por Camargo Andrade em dezembro de 1936.
- Curucujus melanurus melanurus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Cat. Av. do Bras., 1.ª pte.), p. 288, em parte: Taracuá, Jauaretê.
- Trogon melanurus melanurus* Griscom & Greenway, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, n.º 3, p. 183: baixo Amazonas, Óbidos, Rio Tapajós (Santarém, Vila Braga, etc.).
- Curucujus melanurus melanurus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 5, em parte: Santarém, Vila Braga, Miritituba, Óbidos, Manacapuru e Guiana Francesa (Tamanoir, Pied Saut). Mediante a comparação dos exemplares da Guiana e baixo Amazonas com os da Bolívia (Buena Vista), aventa o autor a possibilidade de representarem raças geográficas diversas.

*Trogon melanurus melanurus* Pinto, 1947, Arquivos de Zool. do Est. de São Paulo, V, p. 377: Piquiatuba (perto de Santarém) e Rio Arapiuns (a oeste do baixo Tapajós). Advoga o autor a existência das subespécies suspeitadas por Todd (1943).

*Trogon melanurus melanurus* Friedmann, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 427: alto Rio Negro (Rio Maturacá, Serra Imeri) e sul da Venezuela (Braço Cassiquiare, alto Orenoco).

Uma larga faixa peitoral branca dos machos adultos é característica saliente nas aves do baixo Amazonas, bem representadas na coleção em estudo por exemplares do baixo Tapajós (Piquiatuba) e da região de Itacoatiara (Rio Anibã, Rio Atabani). As partes superiores, conquanto variem bastante de tonalidade, apresentam em regra abundantes reflexos dourados, com prejuízo do azul; as terciárias e as coberteiras superiores das asas mostram franca predominância do branco, sob a forma de vermiculações assás largas nos indivíduos adultos do referido sexo. Nos machos imaturos todas estas características são muito mais apagadas, ou de todo não existem. Não dispomos de material das Guianas, pelo que é com alguma reserva que referimos as populações do baixo Amazonas à forma típica da espécie, reconhecendo-as embora racialmente distintas das do alto Juruá, que a seguir estudaremos.

### ***Trogon melanurus occidentalis* subsp. nov.**

*Trogon melanurus* (não de Swainson) Pelzeln, 1868, Zur Ornithol. Bras., p. 19, em parte: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres, Est. de Mato Grosso) e Rio Sipotuba (aflte. do alto Rio Paraguai).

*Trogon melanurus* Grant, 1892, Catal. of Birds of Brit. Mus., XVII, p. 472, em parte: Tefé (Rio Solimões, alto Amazonas, Rio Javari), ? leste do Equador (Sarayacu etc.) e do Peru (Iquitos, Pebas).

*Trogon melanurus* Ihering, 1904, Rev. do Museu Paulista, VI, p. 444: Rio Juruá (Garbe col.).

*Trogon melanurus* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Brasil., I, Aves, p. 153: Rio Juruá.

*Trogon melanurus* Sneathlaga, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 209, em parte: Rio Purus (Cachoeira).

*Curucujus melanurus melanurus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paulista, XXII, (Catal. Av. do Brasil, 1.ª pte.), p. 288, em parte: Rio Juruá, São Luiz de Cáceres.

*Curucujus melanurus melanurus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 5, em parte: Rio Purus (Hiutanahã, Arimã, Nova Olinda), Manacapuru, ? São Paulo de Olivença, Tonantins. Informa o autor que os dois exemplares do Rio Solimões, ambos imaturos, apresentam "a rather wide band". É assim incerta a raça das populações do alto Amazonas, inclusive o leste do Equador e norte do Peru.

*Curucujus melanurus melanurus* Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 84: Rio Juruá (João Pessoa, Igarapé do Gordão) e Rio Eiru (Santo Antônio).

Todd (1937), estudando material do norte da Bolívia, foi o primeiro a chamar a atenção para as diferenças que embora posteriormente subestimadas por Gyldenstolpe (1945), parecem suficientemente acentuadas e constantes para justificar a separação das aves da Amazônia oeste-meridional em raça particular. Comparadas com as do baixo Amazonas, os machos adultos do alto Juruá imediatamente se destacam pela estreiteza da faixa branca peitoral, de que não raro se observam simples indícios; além disso, em todos os indivíduos da série à nossa disposição as partes superiores, mormente as supracaudais, são intensamente lavadas de azul-violáceo, com fraca mistura de reflexos dourados; as coberteiras superiores das asas e as terciárias são mais finamente vermiculadas de branco, donde o preto ser nelas a cor mais saliente. As ♀ ♀, porém, mesmo adultas, parece não apresentarem qualquer diferença perceptível das do baixo Amazonas. No que tange à cor do abdome, oscila ela nos machos adultos entre o róseo (com mescla eventual de laranja) e o vermelho carregado, não havendo também sob este particular nenhuma diferença entre as duas raças.

Não há dados para traçar de modo preciso a área de dispersão desta raça, que para oeste parece estender-se até o Peru e o Equador e ao norte alcançará a margem esquerda do Solimões, até, pelo menos, segundo o testemunho de Todd (1937), as proximidades do Rio Negro (Manacapuru), seu provável limite oriental. Ao sul ocupa ela o norte da Bolívia e de Mato Grosso, onde ultrapassa a vertente amazônica, alcançando o alto Rio Paraguai (São Luiz de Cáceres). Temos desta localidade um macho adulto (Garbe col., 1917), em tudo semelhante aos do Juruá, salvo alguns tons alaranjados no vermelho do abdome, que supomos destituídos de significação especial.

Para tipo de *Trogon melanurus occidentalis* escolhemos um ♂ ad. de Santa Cruz, Rio Eiru (afl. do alto Juruá), N.º 21960 da Col. ornit. do Dept. de Zoologia.

### **Trogon rufus Spix**

Abdome amarelo, ♀ ♀ pardo-arruivadas, rectrizes dos três pares laterais rajadas de preto e branco em ambos os sexos, e porte relativamente reduzido são caracteres bastantes para o conhecimento deste surucua, encontradiço tanto nos rios da bacia amazônica como na faixa atlântica, até o sul do Brasil e o Paraguai.

Os machos têm as partes superiores verde-metálicas, com bano mais ou menos distinto de azul-ferrete na cabeça, e intensamen-

te lustradas de reflexos dourados ou brônzeos no dorso e nas coberteiras supracaudais; a fronte, os lados da cabeça e a garganta pretos; o peito verde-metálico, com reflexos dourados e cambiantes de azul-ferrete; rectrizes centrais (lado superior) verdes, com larga faixa terminal negra e no resto lustrada de reflexos metálicos variando, conforme a zona geográfica, entre limites muito largos, que vão do verde-metálico ao cúpreo; coberteiras superiores das asas pretas, ora francamente vermiculadas, ora apenas chuviscadas de branco; primárias pretas, com a orla externa branca; abdome amarelo, ou senão alaranjado, mas não raro descorado, ou mesmo branco em grande parte; coberteiras inferiores da cauda da cor do abdome; rectrizes laterais (3 pares) pretas, com a ponta branca e no resto listadas transversalmente de faixas brancas, completas, equidistantes e de largura equivalente à dos intervalos que as separam; rectrizes intermédias pretas, com a barba externa verde-dourada como as centrais.

As fêmeas têm a cabeça, o dorso, as coberteiras superiores da cauda, a garganta e o peito de cor fosca, pardo-amarelada, com mescla de tons ruivos, principalmente na cabeça; rêmigens primárias pretas, orladas de branco; terciárias e coberteiras superiores das asas escuras, finamente chuviscadas de branco-arruivado; rectrizes centrais (ambos os lados) e barba externa das intermédias cor de canela ou ferrugem, com a extremidade tarjada de preto; rectrizes laterais (3 pares) pretas, com a ponta branca e a partir daí raiadas transversalmente de branco e preto, até certo nível, que nas externas atinge quase a base da pena.

### **Trogon rufus rufus** Gmelin

[?Yellow bellied Green Cuckoo, Edwards, 1758, Gleanings of Nat. Hist., III, p. 256, pl. 331].

[*Couroucou à queue rousse de Cayenne*, Buffon & Daubenton, Histoire Nat. des Oiseaux, VI, p. 293, Pl. Enlum. 736: Caiena (Guiana Francesa). A estampa reproduz uma ♀ adulta da espécie, tomada todavia por simples "varieté provenant de la mue" do "*Couroucou à ventre jaune*" (= *T. strigilatus*)].

*Trogon rufus* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 404 (baseado no "*Couroucou à queue rousse de Cayenne*" de Buffon & Daubenton): Cayenne.

*Trogon atricollis* Vieillot, 1817, Nouv. Diction. d'Hist. Nat., VIII, p. 318 (bas. em Levaillant, *Couroucous*, pl. 8 — "Guiane, Surinam e à la Trinité").

*Trogon atricollis* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., p. 20, em parte: Borba (marg. dir. do Baixo Madeira), Barra do Rio Negro (= Manáus), Marabitanas, Cucuí (alto Rio Negro).

*Trogon atricollis* Grant, 1892, Catal. Birds Brit. Mus., XVII, p. 456, em parte: Guiana Holandesa (Demerara), Guiana Inglesa (Bartica Grove), Barra do Rio Negro e Borba (exempls. de Natterer).

- Trogon atricollis* Hellmayr, 1906, Novit. Zool., XIV, p. 380: Prata (perto de Belém).
- Trogonurus curucui curucui* Ridgway, 1911, Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. V, p. 764, (chave e nota margin.). O autor, à semelhança de Berlepsch (Novit. Zool., XV, 1908, p. 277, nota margin.), é de opinião que *Trogon curucui* Linné, embora nome composto, tem a diagnose "evidently based solely on the Yellow-bellied Green Cuckow" de Edwards. Este ponto de vista, embora seguido mais tarde por Cory (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. II, N.º 2, 1919, p. 325) e outros, tem sido vitoriosamente contestado, em favor da opinião, muito mais defensável, de que a verdadeira base da espécie lineana é "Curucui" de Marcgrave. De outro lado, não é ponto pacífico que a ave descrita e figurada por Edwards corresponda à presente espécie; assim é que, para Zimmer (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, 1930, p. 295), a estampa 331 de "Gleanings" representa antes um surucú de abdome vermelho, desbotado pela ação da luz, provávelmente do grupo *variegatus*.
- Trogon rufus* Sneathlidge, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 208, em parte: Óbidos, Faro (Rio Jamundá), Rio Guamá, Vila Braga (Rio Tapajós, marg. esquerda).
- Trogon rufus rufus* Stone, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia, LXXX, p. 159: Castanhal (perto de Belém do Pará).
- (!) *Chrysotrogon ramonionus crissalis* Pinto, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 232: Santarém.
- Trogon curucui curucui* Griscom & Greenway, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 180: Óbidos. O autor propende a considerar as aves do baixo Amazonas racialmente separáveis das de Surinam, achando que nas primeiras a porção basal preta das rectrizes externas é mais extensa e menor o número de faixas pretas que precedem a ponta branca.
- Trogon rufus rufus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 9: Guiana Francesa (Tamanoir, Pied Saut), sul da Venezuela (Rio Mocho) e Brasil (alto Aruacá e Óbidos).
- Trogon rufus amazonicus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 11: pátria típica Vila Braga (marg. esquerda do Rio Tapajós); Santarém, Apaci (Rio Tapajós, marg. dir.), Benevides (região de leste do Pará). A nova raça é tida como "similar to *Trogon rufus rufus* Gmelin of the Guianas, but median rectrices of tail (in male) glossed with bronze instead of green or blue". Sobre esse ponto v. Pinto (1947).
- Trogon rufus amazonicus* Pinto, 1947, Arquiv. de Zool. do Est. de São Paulo, V, p. 371: Rio Arapiuns (marg. esquerda do baixo Tapajós). O exemplar registrado, um ♂ adulto, apresenta as rectrizes centrais verde-azuladas, justificando a relutância com que é aceita a subespécie nomeada por Todd.
- Trogon rufus rufus* Friedmann, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 425: Salto do Huá no Rio Maturacá (alto Rio Negro), Venezuela (Braço Cassiquiare, Cerro Japacana, no alto Orenoco).

Pelas razões já por nós apontadas em trabalho anterior (Pinto, 1947), parece-nos hoje praticamente impossível separar as popula-

ções de *T. rufus* situadas respectivamente ao norte e ao sul do baixo Amazonas. Referiremos, assim, umas e outras, à raça típica da espécie. O colorido brônzeo (em vez de verde ou azulado) das rectrizes centrais, carácter em que baseia Todd (1943) a definição de *Trogon rufus amazonicus*, afigura-se-nos tão precário e inconstante como a maior extensão da área basal preta (e redução consecutiva do número de faixas transversais brancas) das rectrizes externas das ♀ ♀, que Griscom & Greenway (1941) apontaram como a única diferença entre as duas populações em jogo. O próprio Todd refere como é variável nas aves da Guiana o matiz das rectrizes centrais, ao mesmo tempo que temos a prova de que a mesma variação ocorre nas aves do Rio Tapajós, pátria típica de *T. r. amazonicus*.

### **Trogon rufus sulphureus** Spix

*Trogon sulphureus* Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 48, em parte (♂), ? tab. XXXVIII, fig. 1: "in sylvis Tabatingae". — São descritos, e figurados, como se pertencessem à mesma espécie, um ♂ de *Trogon rufus* e uma ♀ de *Trogon violaceus*. A descrição do ♂, ("cauda cupreo relucente" etc.) identifica-o com a raça do alto Amazonas; a estampa, pelo contrário, representa um ♂ com rectrizes centrais verde-metálicas (como nas aves da Guiana), parecendo assim não ser o exemplar que serviu de base à descrição. O assunto oferece ainda outros problemas, cuja discussão terá melhor lugar mais adiante, nas citas relativas a Hellmayr (1906) e Todd (1943).

*Trogon sulphureus* Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., II, p. 281, em parte (♂). O autor reproduz meramente a descrição de Spix, incidindo nos mesmos erros que este.

*Trogon atricollis* (não de Vieillot) Grant, 1892, Catal. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 456, em parte: (leste do Peru e do Equador).

*Trogon atricollis* Hellmayr, 1906, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissens. II KI, XXII, p. 596. Examinando no Museu de Munich o ♂ tido como tipo de Spix, achou-o o autor perfeitamente idêntico a um outro do Rio Carimang (Guiana Inglesa), pelo que se faz de *Trogon sulphureus* mero sinônimo de *T. atricollis* (= *T. rufus*). Não obstante, outro ♂ da mesma procedência assinala-se pelo verde mais puro das rectrizes centrais, carácter que justamente hoje se tem como o melhor na diagnose da raça guianense.

*Trogon atricollis* Ihering, 1904, Rev. Mus. Paul., VI, p. 444: Rio Juruá.

*Trogon atricollis* Hellmayr, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 403: Humaitá (alto Madeira).

*Trogon atricollis* Ihering & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, p. 158, em parte: (Rio Juruá).

*Trogon rufus rufus* Hellmayr, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 387, em parte: (Humaitá).

*Trogon rufus* Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 208, em parte: Rio Purus.

*Trogon rufus rufus* Pinto, 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 555: Manacapuru.

*Trogon rufus rufus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. Bras., 1.ª pte.), p. 289, em parte: (Rio Juruá, Manacapuru).

*Trogon rufus sulphureus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 10: Hiutanahã (Rio Purus), Tonantins (Rio Solimões), Manacapuru (id.). — Salientando o colorido cúpreo das retrizes dos machos dessas localidades, discute o autor em pormenor a difícil questão da identidade de *Trogon sulphureus*, cuja descrição original concorda nos pontos capitais ("cauda cupreo-relucente") com as características das aves do Rio Solimões, mas cujo tipo suposto (v. Hellmayr, 1906), e bem assim a estampa de Spix, muito pelo contrário, em nada difere dos machos das Guianas, pátria típica da espécie. Com muita razão admite que o verdadeiro tipo de *T. sulphureus*, oriundo de Tabatinga, deve ter sido outro exemplar que não o examinado no Museu de Munich por Hellmayr, e de características semelhantes às dos machos do alto Amazonas, neste compreendidos tanto a região banhada pelo Solimões e seus afluentes meridionais, como o leste do Perú, pátria de *Agamus devillei* Cabanis & Heine.

*Trogon rufus devillei* Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, 3, p. 85: Igarapé Grande (Rio Juruá). O autor esquecendo a descrição de Spix, firma-se nas informações de Hellmayr (1906) sobre o "tipo", cuja autenticidade não discute; em consequência, à vista de suas retrizes centrais "tinged with coppery-golden", refere o ♂ (exempl. único) de Igarapé Grande à ave nomeada por Cabanis & Heine.

A cor vermelho-acobreada das retrizes centrais é traço constante das populações amazônico-ocidentais de *Trogon rufus*, legitimando a sua separação em subespécie à parte, sob a denominação aplicada por Spix a um ♂ de Tabatinga (cf. Todd, 1943). A distribuição desta subespécie compreende no Brasil as duas margens do Rio Solimões, até, provavelmente, a margem ocidental do Rio Negro, ao norte, e do Rio Madeira, ao sul; fora do Brasil abrange os altos formadores do Rio Amazonas, inclusive o leste do Peru, pátria de *Trogon devillei* Cabanis & Heine.

### ***Trogon rufus chrysochloros* Pelzeln**

*Trogon atricollis* Wied, 1832, Beitr. Naturg. Brasil, IV, p. 309: "erhielt ich aus der Gegend von Bahia".

*Trogon atricollis* Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Bras., II, p. 279: Nova Friburgo (Rio de Janeiro).

*Trogon chrysochloros* "Natterer", Pelzeln, 1856, Sitzungsber. K. Akad. Wiss. Wien, XX, pp. 496 e 505: Ipanema (São Paulo).

- Trogon chrysochlorus* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., I, p. 20: Ipanema.
- Trogon atricollis* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., I, p. 20, em parte: Nas Lagas (São Paulo, perto de Batatais).
- Trogon atricollis* Grant, 1892, Catal. Birds Brit. Mus., XVII, p. 455, em parte: Nova Friburgo, Ipanema (exempl. de Natterer), Rio Grande do Sul.
- Trogon atricollis chrysochlorus* Berlepsch & Ihering, 1889, Zeitschr. ges. Ornithol., p. 161: Rio Grande do Sul.
- Trogon atricollis* Ihering, 1898, Rev. Mus. Paul., III, p. 294: São Paulo (São Sebastião, Iguape).
- Trogon atricollis* Ihering & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, p. 158, em parte: São Paulo (Iguape, Estação do Rio Grande, São Sebastião), Espírito Santo (Rio Doce).
- Trogonurus curucui curucui* (não de Linné) Sztolcman, 1926, Annal. Zool. Mus. Polon. Hist. Natur., V, p. 133: Paraná (Vermelho, Terezina).
- Trogonurus curucui curucui* Pinto, 1931, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.<sup>a</sup> pte., p. 54: Valparaíso (oeste do Est. de São Paulo); idem, op. cit., p. 114; Porto Tibiriçá (Est. de São Paulo, na marg. do Rio Paraná).
- Trogonurus curucui curucui* Pinto, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 144: Rio Jucuruçu (sul da Bahia).
- Trogonurus rufus rufus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. das Av. do Brasil, 1.<sup>a</sup> pte.), p. 289, em parte: São Paulo (Iguape, São Sebastião, Serra do Mar, Itapura, Itutinga, Porto Tibiriçá, São Miguel Arcanjo, Valparaíso, Cananéia), Espírito Santo (Rio Doce), Bahia (Rio Jucuruçu).
- Trogonurus rufus rufus* Camargo, 1946, Papeis Avulsos do Dept. de Zool., VII, pp. 147 e 157: Boracéia (na Serra do Cubatão).

As populações meridionais de *Trogon rufus* constituem indiscutivelmente uma subespécie particular, a que cabe o nome tirado por Pelzeln aos manuscritos de Natterer, que como *Trogon chrysochlorus* batisará os seus exemplares de Ipanema (interior de São Paulo, não longe de Sorocaba). Comparadas com as da Amazônia, as aves do sul do Brasil apresentam dimensões sensivelmente maiores, especialmente no que respeita ao comprimento médio da asa e, menos acentuadamente, também das rectrizes. Esse aumento de tamanho, como é fácil verificar pela tabela de medidas por nós alhures publicada (Pinto, 1947), processa-se gradualmente do norte para o sul ao longo da faixa atlântica de leste do Brasil, tornando-se assim difícil fixar, com base simplesmente neste carácter, os limites septentrionais de *T. r. chrysochlorus*. Há, todavia, na forma sulina algumas diferenças de colorido bastante valiosas do ponto de vista diagnóstico, tais como o chuviscado branco muito mais miúdo e mais ralo das terciárias e coberteiras superiores das asas, e o número maior das faixas brancas da cauda, as quais, em consequência, são também mais estreitas do que nas raças amazô-

nicas. Hellmayr (1906) alinhava também entre as peculiaridades de *T. r. crysochloros* o brilho mais verde-azulado das partes superiores, com ausência completa de reflexos brônzeos; não nos parece porém possível atribuir valor a essa suposta diferença, por isso que tanto o lustro metálico, como o próprio colorido do dorso e das rectrizes centrais, experimentam nas populações este-brasileiras as maiores variações, não sendo raros, mesmo em São Paulo, machos de *chrysochloros* com as partes superiores decididamente lustradas de bronze, e sob este particular inseparáveis dos do baixo Amazonas. A cor do abdome não é menos variável do que a das costas, sendo francamente alaranjada em certos exemplares, enquanto que noutros se desmaia, a ponto de tornar-se quase branca. É também frequente, nos dois sexos, a presença de uma zona transversal esbranquiçada entre o abdome e o peito.

Não há notícia da presença de *T. rufus* no nordeste do Brasil, estabelecendo esse hiato separação natural entre as formas amazônicas e a raça meridional, cuja distribuição se estenderá assim do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul.

### **Trogon violaceus Gmelin**

A pequenez do porte deste surucú, cuja asa raramente excede 115 mms. (para 120 a 130 mms. de cauda e 16 mms. de culmen), distingue-o à primeira vista entre todas as outras espécies brasileiras. A plumagem dos machos adultos se caracteriza pela cor azul escura, fortemente lustrada de violeta, do alto da cabeça e do peito, em contraste com o dorso, que é verde, com reflexos dourados, de par com o abdome amarelo, cor de açafrão; a frente, a garganta e os lados da cabeça são pretos, sem brilho, como também as rémiges primárias (penas grandes das asas); as coberteiras superiores das asas ora têm colorido uniforme, preto retinto, ora apresentam um fino chuviscado branco, às vezes apenas perceptível; as coberteiras superiores da cauda são verde-metálicas, com mistura maior ou menor de dourado, ou azul-ferrete; as rectrizes centrais (vista de cima) são igualmente verde-metálicas, com mescla variável de azul-ferrete (que em certos exemplares é o tom predominante) e a ponta tarjada de negro; as dos três pares laterais têm a porção terminal branca e a restante preta, interrompida de numerosas faixas transversais brancas equidistantes; as dos dois pares intermédios, são inteiramente escuras, com a barba externa mais ou menos lustrada de verde-metálico. As fêmeas, cinzento-escuras, têm o abdome amarelo e as rectrizes laterais raiadas de branco.

Com as características fundamentais acima descritas, a espécie é representada por um certo número de raças geográficas, distribuídas pelos países mais quentes da América, desde a Amazônia

até o sul do México, através da América Central. Atendo-nos às populações brasileiras, pode-se distinguir com segurança duas subespécies, nitidamente diferenciadas pela conformação característica do bico, que nas populações situadas ao norte do Rio Amazonas apresenta o culmen pouco saliente e por assim dizer arredondado, ao passo que nas da margem meridional o culmen é lateralmente comprimido em aresta mais ou menos cortante, tal como pela primeira vez enfaticamente revelaram Deville & Des Murs (1849), ac descrever *Tr. v. ramonianus*. Como pormenorizamos na análise bibliográfica consagrada a cada uma, as outras diferenças por vezes apontadas como caracteres raciais, são variações individuais ligadas a fatores de outra natureza, entre os quais, ao que parece, a idade da ave. Seja como for, temos como certo que tanto em *T. v. violaceus* podem ocorrer machos adultos com coberteiras supra-alares denegridas (v. Pinto, 1947; Friedmann, 1948), como em *T. v. ramonianus* exemplares do mesmo sexo e idade com coberteiras salpicadas de branco (v. Hellmayr, 1912; Todd, 1937).

### **Trogon violaceus violaceus Gmelin**

*Trogon violaceus* Gmelin, 1788, Syst. Naturae, I, pte. 1, p. 404 — nenhuma indicação da localidade: A diagnose de Gmelin é baseada na descrição e estampa de "Lanius capite, collo pectoreque e violaceo" de Koelreuter (Nov. Act. Petrop., II, p. 436, tab. 16, fig. 8), donde dever aceitar-se como pátria típica Surinam (= Guiana Holandesa), expressamente designada por Berlepsch (Novit. Zool., 1902, p. 106).

*Trogon meridionalis* Pelzeln, 1868, Zur. Orn. Bras., I, p. 20 (em parte): Marabitanas (alto Rio Negro, col. Natterer). O nome foi tomado a Swainson (Anim. in Menagerie, pte. III, 1838, p. 332), que descreveu um ♂ de *T. violaceus*, supondo-o proveniente das Ilhas Bahama. Hellmayr (1906) teve ocasião de examinar o tipo de Swainson no Museu de Cambridge, achou-o em tudo semelhante a um macho de *Nicare* (Rio Caura, Venezuela).

*Trogon meridionalis* Grant, 1892, Catal. Birds. Brit. Mus., XVII, p. 467, em parte: Ilha Trinidad, Guianas Inglesa (Demerara, Bartica Grove etc.) e Holandesa.

(?) *Trogon violaceus* Hellmayr, 1906, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissens., K1. II, vol. XXII, p. 596. O autor estuda no Museu de Munich o exemplar de Tabatinga descrito por Spix como ♀ de *Trogon sulphureus*, verificando a sua perfeita semelhança com duas ♀ de *T. violaceus* procedentes respectivamente da Guiana Inglesa (Rio Essequibo) e da Venezuela (Munduapo, alto Orenoco). Silencia contudo sobre a conformação do bico, onde parece residir a única diferença entre *T. v. violaceus* e *T. v. ramonianus*.

*Chrysotrogon violaceus* Ridgway, 1911, Bull. 50, Un. St. Nat. Mus. (Catal. Bds. North and Middle Amer.), pte. V, p. 785 (em chave).

*Chrysotrogon violaceus* Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist., XIII (Catal. Bds. Americas), pte. II, n.º 2, p. 330: Guiana Inglesa, Venezuela e norte extremo do Brasil (Rio Branco).

*Chrysotrogon violaceus ramonianus* (não de Deville & Des Murs), Pinto 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 509: São Gabriel.

*Trogon violaceus violaceus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 12: Guiana Francesa (Cayenne, Tamanoir, Peid Saut) e Brasil (? "Demont"). Segundo este provector ornitologista, o carácter que distingue *ramonianus* de *violaceus* é possuírem os machos coberteiras superiores das asas e secundárias pretas retintas ("solid black"), ou com pequenas vermiculações claras, apenas visíveis sob inspecção minuciosa. Entretanto, esse carácter nos parece inteiramente falho para distinguir a forma típica de *T. violaceus* da de *T. v. ramonianus*, podendo as coberteiras superiores das asas, tanto numa como noutra, se apresentar inteiramente negras, ou fortemente chuviscadas de branco, com inúmeras gradações de permeio. Pois a observação demonstra que se em *ramonianus*, como já foi verificado há muito tempo (Hellmayr, 1914), são frequentes os machos adultos com asas inteiramente denegridas, também não são raros em *violaceus* típico os de asas francamente chuviscadas de branco. Está neste caso um macho do Rio Atabam (N.º 17.485 do Dept. de Zoologia), em tudo mais, inclusive a forma do bico comparável a um de São Gabriel.

*Trogon violaceus ramonianus* Friedmann, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 427: 3 machos do sul da Venezuela (Braço Cassiquiare e alto Orenoco) e uma fêmea de Cucuí (alto Rio Negro, na fronteira do Brasil com a Venezuela). As coberteiras superiores das asas inteiramente pretas em dois machos (no terceiro há fracos vestígios de vermiculações brancas); por isso o autor, estribando-se na opinião de Todd (1943) determina-os a todos como *ramonianus*. Nossa opinião nesse ponto é todavia divergente, pois à vista da forma arredondada do culmen, não hesitamos em referir a *T. v. violaceus* um ♂ de São Gabriel, a despeito de suas coberteiras perfeitamente negras.

De acordo com o nosso conceito, de que só pela conformação arredondada do culmen é possível discriminar as duas formas, a área de distribuição geográfica de *T. violaceus violaceus* se estende da margem esquerda do Rio Amazonas (inclusive provavelmente todo o Solimões) para o norte, até as Guianas, a Venezuela e a Ilha de Trinidad.

### **Trogon violaceus ramonianus** Deville & Des Murs

*Trogon sulphureus* Spix, 1820, Av. Sp. Nov. Bras., I, p. 48, tab. XXXVIII, em parte (♀): "in sylvis Tabatingae". O autor descreve e figura uma ♀ adulta tomando-a como da espécie hoje apropriadamente chamada pelo nome em questão. Estudada posteriormente por Hellmayr (1912), com vista par-

ricular para a conformação do culmen, provou ela pertencer à raça este-peruana de *T. violaceus*.

*Trogon ramoniana* Deville & Des Murs, 1849, Revue et Magaz. de Zool., 2.<sup>a</sup> ser., I, p. 331. Os autores descrevem um ♂ adulto de Sarayacu (Pampa del Sacramento, leste do Equador), chamando a atenção para a conformação peculiar do culmen, comprimido em aresta viva, e refutando a suposição, espositada por Gould, de que os pequenos surucuás do grupo *violaceus* fossem uma simples variedade insular de *Trogon viridis* L. (= *T. strigilatus* L.), com que enormemente se assemelham no tocante à plumagem. O exemplar de Sarayacu é redescrito e figurado a cores por Des Murs em Castelnau, Voy. a l'Amérique du Sud, Zool., I, Oiseaux, p. 3, pl. 11, fig. 2 (1855).

*Trogon sulphureus* Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., II, p. 281. O autor, cuja descrição parece tirada de Spix, incorre na mesma confusão deste último.

(?) *Aganus crissalis* Cabanis & Heine, 1868, Mus. Heineanum, IV, p. 190. Os autores descrevem um ♂ adulto, seguramente do grupo *violaceus*, adquirido de Verreaux, num lote de material ornitológico dado como proveniente da Bahia. Não padece dúvida de que há erro nessa indicação e embora nenhuma referência fosse feita à conformação do culmen, é de presumir-se que o exemplar, cujas coberteiras claras superiores eram chuviscadas de branco, tenha provindo do baixo Amazonas, ou mais particularmente da região de Belém do Pará.

*Trogon meridionalis* Pelzeln, 1868, Zur. Orn. Bras., I, p. 20, em parte: Engenho do Cap. Gama (Rio Guaporé), Borba (baixo Madeira).

*Trogon ramonianus* Grant, 1892, Catal. Birds. Brit. Mus., XVII, p. 468, em parte: leste do Equador (Sarayacu, Napo) e do Peru (Chamicuros, baixo Ucayali, Iquitos). O autor, que nada informa quanto ao culmen, dá como carácter diagnóstico de *ramonianus* possuírem os machos adultos coberteiras superiores das asas inteiramente pretas, e atribui à imaturidade a presença de chuviscos brancos verificada em certos exemplares. Daí, provavelmente, haver arrolado entre os outros um ♂ de Cayenne.

*Microtrogon ramonianus* Goeldi, 1909, Bol. Mus. Paraense, V, p. 94. O autor dá notícia de exemplares coleccionados na região de Belém, acentuando a conformação característica do culmen e propondo, sobre esta base, a criação de um gênero especial.

*Trogon violaceus violaceus* (não de Gmelin) Hellmayr, 1910, Novit. Zoologicae, XVII, p. 387: Maruins (Rio Gi-Paraná). Um ♂, de coberteiras superiores das asas finamente, "porém distintamente", vermiculadas de branco. Ao autor parecia então impossível distinguí-lo de "some Cayenne and British Guiana specimens"; mas manifesta a sua perplexidade em face da distribuição que se via forçado a atribuir respectivamente a *violaceus* e *ramonianus*, representado que era ainda este por um ♂ de Vitória (Rio Xingu), sem vermiculações nas coberteiras.

- Chrysotrogon ramonianus crissalis* Ridgway, 1911, Bull. 50, Un. St. Nat. Mus., pte. V, p. 786, em chave: baixo Amazonas, "Bahia?". Baseando-se principalmente na forma cortante do culmen, o autor erige *ramonianus* à categoria de espécie; trata ao mesmo tempo as populações este-peruanas e paraenses como variedades geográficas diferentes, com base na cor respectivamente denegrida (*C. r. ramonianus*), ou chuviscada de branco (*C. r. crissalis*) das coberteiras superiores das asas. Que esta distinção não tem fundamento prova-o ao nosso vêr a frequência com que se encontram, com as características de aves adultas, machos de coberteiras chuviscadas ao longo de toda a porção meridional da bacia Amazonica, desde pelo menos o Rio Madeira (Hellmayr, 1910), até o Equador (Gyldenstolpe, 1945), para não mencionar o tipo de *Aganys crissalis*, dada a sua incerta procedência. Não obstante, em sua recente "Check-List", registra Peters (1945) *ramonianus* e *crissalis* como raças possivelmente distintas.
- Trogon violaceus ramonianus* Hellmayr, 1912, Abh. Kön. Bayer. Akad. Wissens., Mathem.-physik., Kl., XXVI, Abh. 2, p. 61: 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de Ipitinga (na região de leste do Pará). Estudando à luz deste novo material as relações de *T. v. violaceus* com *T. v. ramonianus*, verifica o autor que a caracterização destas raças não pode ser feita com base na presença ou ausência de chuviscado branco nas coberteiras das asas, mas sim na conformação do bico, que em todas as populações ao sul do Amazonas apresenta o culmen cortante peculiar a *T. v. ramonianus*. Reforma à vista disso o seu juízo anterior sobre o ♂ de Maruins, reconhecendo-o como desta última raça, a despeito de suas coberteiras vermiculadas de branco. O ♂ de Ipitinga, acrescenta ele, "é um indivíduo extremo de *T. v. ramonianus*, com as coberteiras superiores das asas de cor preta uniforme, sem o menor sinal de vermiculações, e de bico fortemente carenado".
- Microtrogon ramonianus* Sneathlaga, 1914, Bol. Mus. Paraense, VII, p. 207: leste do Pará (Benevides), Rio Guamá (Sta. Maria de S. Miguel), Rio Tocantins (Arumateua), Rio Xingu (Vitória), Rio Curuá, Rio Tapajós (Vila Braga), Rio Jamauchim (Tucunaré), Rio Purus. A localidade de Óbidos, que figura em último lugar, deve corresponder à forma típica de *T. violaceus*.
- Chrysotrogon violaceus ramonianus* Pinto, 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 509. Registra-se um ♂ adulto de São Gabriel (alto Rio Negro). A conformação arredondada do culmen, que então não foi possível apreciar à falta de exemplares da margem meridional do Amazonas para comparação, prova todavia que o referido espécime corresponde a *T. v. violaceus*, a despeito de suas coberteiras alares inteiramente negras.
- Chrysotrogon ramonianus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. Bras., 1.ª pte.), p. 292. De par com o ♂ de São Gabriel, há pouo mencionado, é registrado um do Rio Atabani, de coberteiras finamente chuviscadas, e na realidade pertencente, como o primeiro, a *T. v. violaceus*.
- Trogon violaceus crissalis* Griscom & Greenway, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 182: Rio Tapajós (Santarém, Caxiricatuba, Apaci), Rio

Acará, Benevides. Consoante o exemplo de Ridgway, as populações do baixo Amazonas são separadas das este-peruanas, com base no tamanho menor do bico; reconhecem todavia os autores como sem importância racial as características tomadas à cor das coberteiras das asas.

*Trogon violaceus ramonianus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 12: Rio Purus (Arimã, Hiutanahã), Colônia do Mojuí, Apaci, Benevides. Silenciando sobre a conformação do culmen, o autor é ainda de opinião que os machos de *ramonianus* se distinguem dos de *violaceus* em apresentarem "the wing-coverts and secondaries with little or no light vermiculation". Recusa-se porém a admitir que as aves do baixo Amazonas divirjam racialmente das dos afluentes superiores do mesmo rio.

*Trogon ramonianus ramonianus* Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 89: 1 ♂ adulto de Lago Grande (alto Rio Juruá). Afora esse, registra o autor outros machos adultos, de Lago do Batista (a leste do baixo Madeira), e Casa Nova (marg. esquerda do baixo Tapajós), e Vitória (norte da Bolívia, junto à foz do Rio Madre de Dios), todos com as coberteiras das asas pretas, e simples indícios de vermiculações brancas nas rêmiges secundárias internas, carácter que ao autor "seems to very individually"; menciona ainda dois machos imaturos de Aveiro e Itapoama (Rio Tapajós), silenciando todavia sobre o colorido das coberteiras.

*Trogon violaceus ramonianus* Peters, 1945, Check-List of the Birds of the World, V, p. 159: "região Amazônica da Colômbia, Equador, Peru e Brasil".

*Trogon violaceus crissalis* Peters, op. cit., p. 159: "margem meridional do baixo Amazonas e seus tributários; as diferenças entre esta raça e *ramonianus* requerem confirmação".

*Trogon violaceus ramonianus* Pinto, 1947, Arquivos de Zool. do Est. de São Paulo, V, Art. 6, p. 370: Registra um ♂ adulto de Piquiatuba, de coberteiras superiores das asas inteiramente pretas, contestando todavia, com base num ♂ de São Gabriel, que tal carácter seja privativo de *ramonianus* e reconhecendo, com Hellmayr (1912), a forma em aresta do culmen como verdadeiro traço diagnóstico deste último.

A forma peculiar do bico, cujo culmen é sempre em forma de aresta saliente, constitui o melhor carácter, sinão único, de *Trogon violaceus ramonianus*, que no resto apresenta as características descritas para a espécie.

### Trogon curucui Linné

De par com o abdome carminado ou róseo, retrizes laterais (3 pares) listadas transversalmente de branco e coberteiras superiores das asas finamente vermiculadas (ou antes chuviscadas) de branco, são caracteres diagnósticos dos machos adultos deste surucuá o dorso verde-metálico, com lustro de ouro ou bronze e cambiantes variáveis de azul, em contraste com o colorido mais ou menos



S. Luiz de Cáceres	"	"	..	..	..	125	138		
<i>T. curucui behni</i>									
Coxim (Mato Grosso)	..	..	..	..	..	126	140		
"	"	"	..	..	..			127	140
Salobra	"	"	..	..	..	128	142		
"	"	"	..	..	..	123	131		

### Trogon curucui curucui Linné

[*Curucui Brasiliensibus* Marcgrave, 1648, Hist. Natur. Bras., p. 211]. Depois que Ad. Schneider (Journ. f. Ornithologie, LXXXVI, 1938, p. 191), pelo exame do desenho a óleo representativo da ave descrita e figurada na obra de Marcgrave, tem-se como definitivamente resolvida a velha controvérsia em torno da identidade de "Curucui". Em face de alguns detalhes da descrição original, para os quais tivemos ensejo de chamar a atenção ("Hist. Natural do Brasil" de J. Marcgrave, edição brasileira, S. Paulo, 1942, Comentários, p. LXXIV), há mais tempo dever-se-ia ter chegado à conclusão de que como parecera a Berlepsch (Novit. Zool., XV, 1908, p. 277, nota), a espécie em causa outra não é senão o surucuá correntemente conhecido como *T. variegatus*, aliás a única comprovadamente existente na região nordestina ocupada pelo Conde Maurício de Nassau. Confirmação indireta disso tem-se ainda na circunstância de pertencer inequivocamente à fêmea do surucuá em questão (e não a *T. collaris*, como inadvertidamente aventei certa vez) a terceira ave anônima descrita por Marcgrave à pág. 219 de sua obra.

*Trogon curucui* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.<sup>o</sup> ed., I, p. 167. Não menos debatida do que a identidade do "Curucui" de Marcgrave tem sido a da espécie que Lineu batisara com a mesma denominação. A razão disso está em que nem todas as citas feitas pelo naturalista sueco correspondem ao surucuá nordestino. Entretanto, e a despeito da insuficiência e ambiguidade da descrição lineana, o nosso modo de vêr coincide neste ponto com o de Cabanis & Heine, afigurando-se-nos ainda hoje que a solução mais acertada é vêr na ave de Marcgrave a base essencial da espécie de Linneu, mondando-se a sinonímia deste último das referências errôneas. Vide a propósito, além dos nossos supracitados comentários à edição brasileira de "Historia Naturalis Brasiliae", as considerações feitas em "Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo", V, p. 373 (1947).

*Trogon variegatus* Spix, 1924, Av. Nov. Bras., I, p. 49, tab. XXXVIII: "in Brasilia". A descrição e a estampa de Spix combinam bem com os caracteres da raça este-brasileira da espécie; por outro lado, segundo Hellmayr (1906), o exemplar que se supõe o próprio tipo "stimmt unit einem ♂ ad. aus Bahia in jeder hinsicht überein". Não obstante, como pátria típica da espécie podemos adotar o Rio de Janeiro, conforme foi designada por Pinto (Rev. Mus. Paul., XXII, 1938, p. 290).

*Trogon variegatus* Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Thiere Bras., II, p. 275.

- Trogon variegatus* Pelzeln, 1868, Zur Ornith. Brasil., Abt. I, p. 19, em parte: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres), Cuiabá, Cajutuba (perto de Belém).
- Trogon variegatus* Grant, 1892, Catal. of Birds. of Brit. Mus., XVII, p. 468, em parte: Cajutuba, Vila Maria (col. Natterer), Chapada (col. H. Smith), Rio de Janeiro, Bahia.
- Trogon variegatus* Hellmayr, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wissens., II Kl., Bd. XXII, p. 597. Estuda o autor as características do tipo de Spix, fazendo ao mesmo tempo o confronto da forma típica da espécie com "*T. variegatus behni*".
- Trogon variegatus* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Bras., I, Aves, p. 159, em parte: Bahia.
- Trogon variegatus* Reiser, 1910, Denkschr. Akad. Wissens. Wien, mathem.-physik. Kl., LXXVI, p. 61: Piauí (Lagoa da Missão, Lagoa Parnaguá, Olho d'Água); id., 1925, loc. cit., p. 132.
- Trogon variegatus* Sneath, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 209: Maranhão.
- Trogon variegatus* Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 2, p. 327, em parte: Bahia, ?"Brasil".
- Trogonurus variegatus variegatus* Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist., XII, p. 422: Maranhão (Cocos, perto de Codó, Barra do Corda, Tranqueira); Goiás (Filadélfia, no baixo Tocantins); Ceará (Varzea Formosa).
- Trogonurus variegatus behni* (não de Gould) Naumburg, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 161, em parte: Tapirapuã, Rio Roosevelt.
- Trogonurus variegatus variegatus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. Bras., 1.ª pte.), p. 290: Maranhão (Primeira Cruz) Bahia.
- Trogonurus variegatus variegatus* Pinto, 1938, Bol. Biol., nov. Ser., III, p. 104: Rio das Mortes (Est. de Mato Grosso).
- Trogonurus variegatus behni* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 290, em parte: Santo Antônio, São Luiz de Cáceres.
- Trogonurus variegatus variegatus* Pinto, 1940, Arquivos de Zoologia, I, p. 242: Tapera (Est. de Pernambuco, perto de Recife).
- Trogonurus variegatus behni* (não de Gould) Pinto, 1941, Arq. de Zool., II, p. 17, em parte: Santo Antônio, Chapada (Est. de Mato Grosso).
- Trogon variegatus variegatus* Griscom & Greenway, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 182: A raça é incluída na avifauna do baixo Amazonas com base exclusivamente no exemplar coleccionado por Natterer em Cajutuba.
- Trogon variegatus variegatus* Pinto & Camargo, 1948, Pap. Avuls. do Dept. de Zoologia, VIII, p. 311: Chavantina (Rio das Mortes, col. H. Sick).

Tanto pelas suas características de plumagem, como pela sua distribuição geográfica, é *Trogon curucui curucui* uma forma central, de posição rigorosamente intermediária em relação às outras duas raças da mesma espécie. São caracteres dos machos adultos: parte superior da cabeça cor de anil, tendendo a violáceo, com mes-

cla variável de reflexos verde-metálicos e a porção frontal quase preta, sem brilho; porção alta do dorso verde, lusturada de bronze e mais ou menos lavado de azul-ferrete; baixo dorso e supracaudais semelhantes em colorido, porém mais azulados; rectrizes centrais (lado superior) e barba externa das intermédias verdes, acatassoladas de azul-ferrete, ou anil; loros, bochechas, regiões auriculares, mento e garganta pretos, sem brilho; colo e alto do peito anilados, com mistura variável de reflexos verde-metálicos; abdome cor de carmim ou rosa, separado do peito por uma zona transversal esbranquiçada, às vezes pouco distinta; coberteiras superiores das asas e rêmiges terciárias adjacentes finamente chuviscadas de branco sobre fundo preto; primárias pretas, com a orla externa descorada ou branca; rectrizes dos três pares laterais brancas na ponta (numa altura de 1 a 1½ cm.), pretas na base (mais extensamente na barba interna do que na externa) e em toda a porção restante rajadas de faixas brancas transversais (incompletas nas aves imaturas e obsoletas nos jovens), alternando regularmente com faixas pretas, apenas mais largas (quando muito 1½ vez) do que elas.

A essa descrição se acomodam as populações da espécie distribuídas não só por todo o este-septentrião brasileiro, como ainda as do planalto central, aí compreendido quase todo o Estado de Mato Grosso. Com efeito, a julgar pelo material em mãos, é impossível separar das do nordeste não só as aves do Araguaia e seu afluente Rio das Mortes, como também as da região de Cuiabá (Rio Aricá, Serra da Chapada etc.) e alto Rio Paraguai (Cáceres). Nesta última parte da área geográfica da espécie, alguns exemplares, com apresentarem a cabeça e o peito mais esverdeados, demonstram franca tendência no sentido de *T. c. behni*; mas, via de regra, tomando em conta as variações individuais de uns e outros, não há como distinguir ali os *machos* adultos dos da forma típica, assim no que respeita ao colorido como ao tamanho médio.

### ***Trogonurus curucui bolivianus* Grant.**

*Trogon bolivianus* Grant, 1892, Catal. Birds Brit. Mus., XVII, p. 470, pl. XV: tipo de Cosnipata (leste do Peru). O autor arrola ainda vários exemplares de leste do Equador (Napo) e do Peru (Iquitos); mas nenhum da Bolívia, onde aliás é certo também ocorrer.

*Trogon bolivianus* Snethlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 209: Rio Tapajós (Ilha de Goiana).

*Trogonurus bolivianus* Pinto, 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 555: Manacapuru (margem septentrional do baixo Solimões).

*Trogonurus variegatus bolivianus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. do Brasil, 1.ª pte.), p. 290: Manacapuru.

- Trogon variegatus bolivianus* Griscom & Greenway, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 182: Rio Tapajós (Apaci).
- Trogon bolivianus* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 14: Apaci (Rio Tapajós), Hiutanahã (Rio Purus), Manacapuru, Tonantins (Rio Solimões).
- Trogon bolivianus* Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 87: Lago Grande (Rio Juruá), Santo Antônio (Rio Eiru).

Em *T. curucui bolivianus*, por assim dizer, mostram os *machos* adultos em grau exagerado as características dos da forma típica da espécie, naquilo em que esta diverge de *T. c. behni*: alto da cabeça de cor violácea muito carregada, sobre fundo negro; peito da mesma cor, com mistura variável de reflexos azuis-ferretes; dorso verde, lustrado de ouro ou bronze, com mistura abundante de azul; coberteiras superiores da cauda e rectrizes centrais (abstração feita da faixa terminal preta) cor carregada de anil, com fraca mistura de verde; abdome e infracaudais de intenso carmesim, confinando na parte anterior com o peito, sem nenhuma faixa branca de perneio, ou senão com apenas indícios da última; rectrizes intermédias (2 pares) pretas, com a barba externa (lado superior) tingida de anil; rectrizes laterais negras, com a ponta branca (até menos de 1 cm. de altura) e no resto riscadas transversalmente de faixas brancas de largura inferior à metade (às vezes igual apenas a um terço ou menos) dos intervalos pretos que as separam. As *fêmeas* diferem das de *T. c. curucui* principalmente pela ausência da faixa clara peitoral distinta.

A área geográfica conhecida de *T. curucui bolivianus* abrange quase toda a bacia Amazônica, incluindo o sudeste da Colômbia, a porção oriental do Equador e do Peru, as duas margens do Rio Solimões e os afluentes do Rio Amazonas, até o norte da Bolívia (Rio Beni) (\*) e, a leste, o baixo Tapajós (Apaci).

### **Trogonurus curucui behni** Gould

- Trogon behni* Gould, 1875, Monogr. Trogon, 2.ª edit., pl. XX (grafado na estampa *behmi*, por evidente lapso): "Bolívia - Briges".
- Trogon variegatus* (não de Spix) Grant, 1892, Catal. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 468, em parte: Bolívia.
- Trogon variegatus* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, p. 159, em parte: Paraguay.
- Trogon variegatus behni* Wetmore, 1926, Bull. 133 Un. St. Nat. Hist. Mus., p. 225: Paraguay (Puerto Pinasco).

(\*) V. Gyldenstolpe, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXIII, n.º 1, p. 113 (1945)

- Trogon variegatus behni* Naumburg, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 161, em parte: Paraguay (Forte Wheeler, Rio Negro, Rio Hacha), Mato Grosso (Urucúm, perto de Corumbá).
- Trogon variegatus behni* Stone & Roberts, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 382: Descalvados.
- Trogonurus variegatus behni* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. Bras., 1.ª pte.), p. 290, em parte: Coxim.
- Trogonurus variegatus behni* Pinto, 1941, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, II, p. 17, em parte: Coxim.
- Trogon curucui behni* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 14: Bolívia (Puerto Suarez, Santa Cruz de la Sierra, Bermejo etc.), norte da Argentina (Rio Bermejo).

As populações meridionais de *Trogon curucui*, consideradas em relação à forma típica, divergem em sentido diametralmente oposto ao de *T. c. bolivianus*, constituindo assim raça geográfica suficientemente caracterizada, a despeito da dificuldade que oferece a sua delimitação geográfica precisa. O valor médio das medidas, cuja tendência a aumentar já se observa na região de Cuiabá, cresce decididamente no baixo Rio Paraguai, de par com a mudança no colorido da plumagem, que nos machos adultos se distingue antes de tudo pela decidida predominância do verde-metálico no alto da cabeça que assim faz muito menor contraste com o dorso, verde-dourado ou brônzeo), e bem assim pela tonalidade menos azul, e consequentemente mais verde, tanto do peito, como das supra-caudais e rectrizes centrais. Outras diferenças, como as relativas à largura relativa das faixas das rectrizes, têm sido também apontadas pelos observadores; mas, a julgar pela nossa experiência, parecem falhas e inconstantes.

A área de *T. c. behni* afigura-se nos circunscrever-se ao leste da Bolívia (Santa Cruz etc.), Paraguay, norte da Argentina (Jujuy, Salta) e sudoeste de Mato Grosso (baixo Paraguay, Coxim, Corumbá, Salobra).

### **Trogon collaris Vieillot**

Neste surucuá os machos adultos se deixam reconhecer pelo colorido praticamente uniforme, verde dourado, das partes superiores (inclusive as rectrizes centrais) e do peito, de par com o abdome vermelho carmesim, que uma faixa branca separa do peito, e rectrizes laterais listradas transversalmente de preto e branco. Além disso, as coberteiras superiores das asas são sempre muito distintamente vermiculadas de branco sobre fundo preto, ao em vez de serem pontilhadas, ou finamente chuviscadas como em *Trogon curucui* (= *T. variegatus* auct.), única espécie com que em parti-

cular merece comparação. As *fêmeas* de colorido geral pardo-azeitnado, abdome cor de rosa (separado do peito por uma zona esbranquiçada) e rectrizes centrais cor de ferrugem (tarjadas de negro na extremidade), não admitem confronto com as de nenhum outro surucú indígena.

A espécie, diferenciada em várias raças geográficas (5 segundo a "Check-List" de J. L. Peters), ocorre nas regiões mais quentes da América, desde o sul do México e da América Central, distribuindo-se por quase toda a Amazônia e estendendo-se ainda sob a forma de raça bem caracterizada, até o sudeste do Brasil (da Bahia ao Rio de Janeiro).

### **Trogon collaris collaris** Vieillot

[*Le Couroucou rosalba* Levaillant, 1806, Hist. Nat. Ois. Courouc. Tourac., pte. III, p. 12, pl. VI: Cayenne].

*Trogon collaris* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., VIII, p. 320 (baseado em Levaillant, pl. VI): Cayenne.

*Trogon curucui* (não de Linné) Hahn, 1820, Vög. As., Afr., Amer. etc., Liefer. VII, p. 3.

*Trogon castaneus* Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 48, p. XXXVII (= ♀ adulta): "in sylvis *Tabatingae*". A descrição combina bem com os caracteres da ♀ da espécie; a estampa, pelo contrário, pelo menos no exemplar da obra de Spix que pudemos consultar, apresenta a ave sob cores muito falsas, especialmente no que se refere às rectrizes centrais, pintadas de róseo, em vez de ferrugem.

*Trogon collaris* Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 50, em parte (♂): "in sylvis fl. Amazonum". A descrição do ♂ não deixa dúvida quanto à sua identidade; mas a da ♀ é de todo enigmática, não podendo, pelo menos, aplicar-se a nenhuma das espécies amazônicas.

?*Trogon auratus* Swainson, 1841?, Birds of Bras., Mesc. etc., pls. 61 e 62. Há dúvida quanto à raça a que correspondem as aves representadas pelo autor.

*Trogon curucui* Cabanis & Heine, 1863, Mus. Hein., 4ta. pte., p. 176: "Brasilien".

*Trogon collaris* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., p. 19: Vila Maria (= S. Luiz de Cáceres), Engenho do Gama (Rio Guaporé), Barra do Rio Negro (= Manáus).

*Trogon collaris* Grant, 1892, Catal. Birds Brit. Mus., XVII, p. 448, em parte: Vila Maria, baixo Amazonas (exempls. de Wallace e Bates) e várias localids. de leste do Peru e Equador).

*Trogon collaris* Ihering, 1904, Rev. Mus. Paul., VI, p. 444: Rio Jurúá.

*Trogon curucui* Hellmayr, 1906, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wiss., 2 Kl. XXII, p. 596: Estuda o autor o tipo de *T. castaneus* Spix, reconhecendo-o conforme à descrição e estampa (!) originais (vide a nota aposta à citação de Spix).

- Trogon curucui* Hellmayr, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 84: Tefé.
- Trogon curucui* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Bras., I, Aves, p. 157, em parte: Rio Juruá e Equador.
- Trogon collaris* Sneathlage, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 208: Santa Helena (Rio Jamauchim, um afl. orient. do Rio Tapajós), Santo Antônio da Cachoeira (Rio Jari, um afl. septentr. do baixo Amazonas).
- Trogon curucui curucui* Pinto, 1937, Rev. Mus. Paul., p. 555: Manacapuru (marg. septentr. do baixo Solimões).
- Trogonurus curucui curucui* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. do Bras., 1.ª pte., p. 289), em parte: Rio Juruá, Rio Manacapuru, Santarém.
- Trogon collaris* Griscom & Greenway, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 180: Rio Tapajós (Miritituba e Vila Braga).
- Trogon collaris collaris* Todd, 1943, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 7: Guiana Francesa (Tamanoir, Pied Saut), Bolívia (Nova Olinda); Rio Purus (Hiutanahã, Nova Olinda), Rio Tapajós (Vila Braga, Miritituba), Caviana (ilha de).
- Trogon collaris collaris* Gyldenstolpe, 1945, Kugl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 85, Rio Juruá (João Pessoa, Lago Grande), Rio Eiru (Santo Antônio).

À falta de espécimes das Guianas descreveremos a forma típica de *T. collaris* de acordo com os nossos exemplares do Amazonas, os quais no consenso dos autores são inseparáveis dos primeiros. Tais são os característicos de um *macho* adulto de Manacapuru (n.º 16.621 da col. ornitol. do Dept. de Zoologia): alto da cabeça verde-dourado, com cambiantes de brônzeo e a região frontal escurecida, quase fosca; dorso e coberteiras superiores da cauda de cor metálica semelhante à do alto da cabeça, com fortes reflexos brônzeos; rectrizes centrais (lado superior) verdes, lustradas de ouro, abstração feita da extremidade, tarjada de preto (numa altura máxima de 7 mms); losos, regiões auriculares, bochechas, mento e garganta, cor preta de fuligem, sem nenhum lustro; alto do peito e lados do pescoço verdes-dourados, como as partes superiores; abdome e coberteiras inferiores da cauda vermelho-carmesim; entre o abdome e o verde do peito larga faixa peitoral branca, de limites bem definidos; rêmiges primárias pretas, com a orla externa branca; coberteiras superiores das asas e porção exposta das terciárias adjacentes vermiculadas de estreitas faixas em zig-zag, alternativamente pretas e brancas e de largura aproximadamente igual; rectrizes laterais (3 pares) pretas na base (mais extensamente na barba interna do que na externa), brancas na ponta (até a altura de 12 a 14 mms da orla terminal) e no resto listadas transversalmente de faixas brancas e pretas, de largura ora equivalente (cerca de 2 mms) ora levemente desigual (neste caso, a das pretas exce-

dendo geralmente a das brancas); rectrizes intermédias (2 pares) pretas, com a porção superior exposta da barba externa verde-metálica até cerca de  $\frac{1}{2}$  cm. da ponta, tarjada de negro; coberteiras inferiores da asa escuras, com a orla branca, bem como a porção basal das rêmiges; bico amarelo-esverdeado (cor natural) e patas pardo-escuras.

As variações individuais, a julgar pelo material em estudo incidem principalmente sobre: a) a tonalidade do verde das partes superiores, não raro lavadas de anil, em detrimento do lustro dourado; b) a cor das rectrizes centrais, que nestes casos é decididamente tingida de azul-violáceo (como p. ex. num macho ad., n.º 3523 do Dept. de Zool., do alto Juruá); c) a largura relativa das vermiculações das coberteiras superiores das asas; d) a extensão da área terminal branca das rectrizes (que em dois machos do Juruá variam do simples ao duplo) e a largura relativa das faixas pretas e brancas das rectrizes laterais; e) a largura da faixa peitoral branca, variável entre limites muito largos (mais de 15 mms num ♂ do Juruá, e apenas 5 mms noutro da mesma procedência).

A descrição da *fêmea* adulta baseia-se num exemplar de Santa Cruz (Rio Eiru, afl. do alto Juruá): cabeça (a fronte e os lados inclusive), dorso, coberteiras superiores da cauda, garganta e peito, de cor uniforme, pardo-olivácea; rectrizes centrais cor de ferrugem, com a extremidade tarjada de negro; primárias pretas, com a orla externa branca; coberteiras superiores das asas e terciárias finamente vermiculadas de pardo-oliva, sobre fundo escuro; rectrizes laterais (3 pares) pardo-escuras na base, passando progressivamente a branco (mais depressa na barba externa do que na interna) em direção à ponta, que é alva, com uma estreita faixa sub-terminal pardo-escura.

### **Trogon collaris eytoni** Fraser

*Trogon curucui* (não de Linné) Wied, 1832, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 305; São Mateus (Est. do Espírito Santo), Mucuri (sul extremo da Bahia).

*Trogon eytoni* Fraser, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., vol. de 1856, p. 368, no texto: Rio de Janeiro (exempl. da col. de Eyton). Não temos dúvida de que o surucúá apresentado por Fraser à Sociedade Zoológica de Londres corresponde à raça este-brasileira de *Trogon collaris*. Pondo de parte o maior tamanho do bico ("mandibles larges and more robust") e outras características individualmente variáveis ou sujeitas à ação da idade, é bem da raça em questão a diferença apontada pelo autor no tocante à maior largura das faixas das rectrizes ("the barring of the wing-coverts and lateral tail-feathers broader and consequently more distinct").

*Trogon collaris* (não de Vieillot) Grant, 1892, Catal. Bidrs Brit. Mus., XVII, p. 448, em parte: Bahia, Rio de Janeiro (o exempl. tipo de *T. eytoni*).



Nos dias atuais, *Trogon collaris eytoni* está confinado às matas costeiras do Brasil oriental, desde a zona de Ilhéus, pouco ao sul da baía de Todosos Santos até, possivelmente, o Rio de Janeiro, sua pátria típica.

### **Trogon strigilatus** Linné

Dos surucuás de abdome amarelo é este o maior e, de modo geral, o mais abundante em todos os lugares em que existe. A plumagem dos machos às vezes se parece bastante, com a dos de *T. surrucura aurantius*, que ao seu lado vive na região costeira do Brasil médio-oriental; mas deixam-se imediatamente reconhecer não só pelo seu tamanho mais avantajado, como principalmente pelas coberteiras superiores das asas uniformemente denegridas. São suas características: alto da cabeça, lado trazeiro do pescoço e porção média do peito cor de violeta, com cambiantes de azul-ferrete; orla frontal, losos, lados da cabeça e garganta negros, sem brilho; dorso verde metálico, com reflexos dourados e fortes cambiantes de azul violeta, passando francamente ao violáceo nas supracaudais; rectrizes centrais largamente tarjadas de preto na extremidade e no restante verde-azuladas com reflexos dourados e cambiantes de violeta ou azul, ordinariamente mais intensos do que no dorso; abdome e coberteiras inferiores da cauda amarelo-alaranjados; rectrizes dos três pares laterais pretas, com a porção terminal branca, muito mais extensamente na barba externa do que na interna; rectrizes intermédias escuras, sem nenhum branco na ponta e a barba externa (lado superior) mais ou menos lustrada de verde-metálico; rêmiges negras, as primárias com a borda externa orlada de branco.

As ♀ ♀, quando de abdome intensamente corado, também se parecem muito com as de *T. s. aurantius*, inclusive no aspecto das coberteiras das asas, transversalmente vermiculadas; mas diferem à primeira vista pelas rectrizes dos três pares externos, que são rajadas de branco e preto, ao em vez de se assemelharem às do exo oposto. Toda a plumagem, excepção feita do abdome, é cinzento-ardosiada, mais escurecida nos lados da cabeça, na garganta e nas asas; as rêmiges primárias, quase pretas, têm a barba externa orlada de branco; as terciárias e coberteiras superiores das asas são manchadas de finas vermiculações transversais esbranquiçadas; rectrizes cinzento-escuras, as dos três pares laterais brancas na extremidade e no resto raiadas de faixas transversais brancas, das quais as mais próximas da ponta interessam geralmente toda a largura da pena, e as restantes raramente ultrapassam a barba externa. Nas ♀ ♀ imaturas, em vez de finas vermiculações, as terciárias e as coberteiras superiores das asas apresentam faixas transversais brancas ou trigueiras.

Há muita variação no colorido da plumagem deste surucuá. O abdome, que em muitos exemplos assume colorido alaranjado intenso, a ponto de induzir observadores menos atentos à confusão com *T. s. aurantius*, outras vezes aparece muito desbotado. Todavia, a observação demonstra o carácter individual destas variações, no número de cujos exemplos devem incluir-se os espécimes da foz do Amazonas (Ilha Caviana) que à vista de seu abdome esbranquiçado Brodtkorb (1937) não hesitou em arrolar como raça particular sob o velho nome de *T. s. albiventer*.

A área geográfica ocupada pela espécie é das mais amplas, compreendendo, além das Guianas a bacia do Orenoco, a Amazônia e, com um hiato originado sem dúvida da destruição das matas, a faixa litorânea de leste do Brasil, onde, mercê de uma queda sensível no valor médio das medidas, as populações se mostram suficientemente diferenciadas para justificar a sua separação em raça particular. (\*)

### **Trogon strigilatus strigilatus Linné**

[*Trogon cayanensis cinereus* Brisson, 1760, Ornithologie, IV, p. 165: Cayenne.

A descrição corresponde à ♀ da presente espécie e baseia-se num exemplar da Guiana Francesa pertencente ao "cabinet" de Madame Bandeville. O ♂ é descrito logo a seguir (p. 168) sob o nome de *Trogon cayanensis viridis*, com base num espécime enviado de Caiena a Reaumur.]

*Trogon strigilatus* Linné, 1766, Syst. Nature, ed. 12.<sup>a</sup>, I, p. 167 (baseado exclusivamente em *Trogon cayanensis cinereus* de Brisson): Caiena.

*Trogon viridis* Linné, 1766, Syst. Nat., p. 167 (baseado em *Trogon cayanensis viridis* de Brisson, ou seja o ♂ de *Tr. strigilatus*): Caiena. Por corresponder ao ♂, o nome foi durante muito tempo preferido para designar a espécie; teve porém de ceder o lugar a *T. strigilatus*, que tem sobre ele precedência.

?*Trogon viridis* Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 50, em parte (descr. da ♀): Rio Solimões.

*Trogon viridis* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., I, p. 20, em parte: Rio Sipotuba, Vila Maria (= S. Luiz de Cáceres), Engenho do Cap. Gama (no Rio Guaporé), Borba (no baixo Madeira), alto Rio Negro (Marabitanas, Barcelos, Rio Xié, Rio Içana), Rio Branco, Barra (= Manáus), Manaqueri (no Rio Solimões).

*Trogon viridis* Grant, 1892, Catal. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 458, em parte: Colômbia, Venezuela, Trinidad, leste do Equador, Guianas, baixo Amazonas (*Wallace*), Mato Grosso (col. *Natterer*), Iquitos.

---

(\*) Veja-se a este propósito os comentários e a tabela de medidas por nós publicada no Tomo V de Arquivos de Zoologia, pp. 376-7 (1947).

- Trogon viridis* Ihering, 1904, Rev. Mus. Paul., VI, p. 441: Rio Juruá.
- Trogon viridis* Hellmayr, 1906, Abh. K. Bayer, Akad. Wissens., II Kl., XXII, Abt. III, p. 598: Estudo crítico dos exemplares de Spix.
- Trogon viridis* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Bras., I, Aves, p. 158, em parte: Rio Juruá.
- Trogon viridis* Reiser, 1910, Denkschr. Akad. Wissens. Wien, mathem.-physik. Kl., p. 100: Miritiba (norte do Maranhão); idem, 1925, loc. cit., p. 132: Anil e Miritiba. Os exemplares de Reiser são os únicos registrados por Hellmayr em seu clássico trabalho sobre as Aves do nordeste brasileiro (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, 1929, p. 423).
- Trogon viridis viridis* Hellmayr, 1912, Abh. K. Bayer. Akad. Wissens., Mathem.-physik. Kl., XXVI, 2 Abh., p. 60: Ipitinga (região de leste do Pará, col. Lor. Müller).
- Trogon viridis* Sneathlage, 1914, Bol. Mus. Paraense, VIII, p. 208: Rio Capim, Rio Tocantins (Mazagão, Arumateua), Rio Xingu (Vitória, Cuçari), Rio Tapajós (Mararu, Vila Braga), Rio Purus, Ilha de Marajó, Maracá, Monte Alegre, Faro, Maranhão.
- Trogon strigilatus strigilatus* Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Catal. Bds. America), pte. II, n.º 2, p. 328: Guiana Inglesa, G. Holandesa, Peru (Riojas) e extremo-norte do Brasil (Rio Branco). A exemplo de Ridgway (Bull. 50 Un. St. Nat. Hist. Mus., V, 1911, p. 751), o nome da espécie parece retificado, de acordo com as regras do Cod. Intern. de Nomencl. Zoológica.
- Trogon viridis viridis* Stone, 1928, Proceeds. of Acad. Nat. Sci. of Philadelphia, LXXX, p. 159: Inhangapi e Rio Guamá (região de Belém do Pará).
- Trogon strigilatus strigilatus* Naumburg, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 161: Rio Roosevelt (uma ♀ imatura).
- Trogon strigilatus strigilatus* Pinto, 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 555: Manacapuru.
- Trogon strigilatus albiventer* (\*) Brodtkorb, 1937, Occas. Papers Mus. Zool. Un. Michigan, n.º 349, p. 2: Ilha Caviana (estuário do Rio Amazonas). A tonalidade brancacenta, misturada de laranja, do abdome e crisso em cinco exemplares da mencionada procedência levou o autor a reviver um velho nome de Cuvier. Temos porém tal diferença como inteiramente destituída de sentido zoogeográfico, abundando exemplos dela em quaisquer populações da espécie, amazônicas ou não.
- Trogon strigilatus strigilatus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. Bras., pte. 1), p. 287, em parte: Manacapuru, Rio Juruá.
- Trogon strigilatus strigilatus* Griscom & Greenway, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, n.º 3, p. 181: Rio Tapajós (Santarém, Vila Braga etc.), Rio Acará, Óbidos.

---

(\*) *Trogon albiventer* Cuvier, 1829, Règne Animal, 2.ª ed., I, p. 459 (baseado em Lavaillant, 1806, Hist. Courouc. et Tourac., pte. 3, p. 10, pl. 5).



*Trogon strigilatus strigilatus* Linn.

*Trogon strigilatus strigilatus* Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XX, n.º 3, p. 84; Rio Juruá (João Pessoa, Igarapé Grande) e Rio Eiru (Santo Antônio).

*Trogon strigilatus strigilatus* Pinto, 1947, Arquiv. de Zool. Est. de São Paulo, V, p. 375: Macapá (na marg. norte da foz do Rio Amazonas). Dispondo de boa série (cerca de 70 exemplares) e apoiando-se em copioso quadro de medidas, reconhece o autor a divisão natural das populações, brasileiras da espécie em duas raças geográficas, consoante o ponto de vista de Griscom & Greenway (1941).

*Trogon strigilatus* Friedmann, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 426: Venezuela (alto Orenoco e braço Cassiquiare) e alto Rio Negro (Santa Izabel, Rio Maturacá, São Gabriel, foz do Cauaburi).

Como ficou dito, caracteriza-se a raça típica de *Trogon strigilatus* apenas pelo valôr inferior das medidas, especialmente as da asa, que só excepcionalmente alcançam 150 mms. Sua distribuição, no Brasil, abrange toda a Amazônia, o alto Rio Paraguai (Pelzeln, 1868) e o norte do Maranhão (Reiser, 1910).

#### ***Trogon strigilatus melanopterus* Swainson**

*Trogon melanopterus* Swainson, 1837, Anim. in Menager., pte. III, p. 332: localidade não indicada, mas decerto situada no nordeste do Brasil, única região visitada pelo autor (Bahia, pátria típica fixada por Griscom & Greenway, 1941).

*Trogon viridis* Wied, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 71: Rio de Janeiro (fazenda Tiririca, perto de Saquarema); idem, loc. cit., p. 94; Rio de Janeiro (no trajeto de Cabo Frio à Barra do São João); Espírito Santo (Rio Doce).

*Trogon violaceus* (não de Gmelin) Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 50: "in sylvis Rio de Janeiro".

*Trogon violaceus* Wied, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, pte. I, p. 295: Serra dos Orgãos, Cabo Frio, Serra de Inuã ("einer der gemeinsten Vögel in allen von mir besucht in Urwäldern von Brasilien").

*Trogon viridis* Burmeister, 1856, Syst. Übers. Th. Bras., II, p. 277.

*Trogon viridis* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., I, p. 20, em parte: Rio de Janeiro (Registo do Saí) e vizinho norte de São Paulo (Monjólinho, Mato Dentro).

*Trogon viridis* Grant, 1892, Catal. Birds Brit. Mus., XVII, p. 458, em parte: Rio de Janeiro (Nova Friburgo), São Paulo, Bahia, ? Pernambuco. (\*)

*Trogon viridis* Ihering, 1898, Rev. Mus. Paul., III, p. 294: Iguape (no litoral de São Paulo).

*Trogon viridis* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Bras., I, Aves, p. 158, em parte: São Paulo (Alto da Serra, Iguape), Espírito Santo (Rio Doce).

- ?*Trogon viridis* Ihering, 1914, Rev. Mus. Paul., IX, p. 428: Col. Hansa (Santa Catarina). Não se tem outra notícia da ocorrência deste surucuá em Santa Catarina, donde alguma dúvida sobre a autenticidade da citação de Ihering, baseada aliás em ovos remetidos por um seu correspondente (W. Ehrhardt).
- Trogon viridis* Lima, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2.<sup>a</sup> pte., p. 97: Bahia (Belmonte).
- Trogon strigilatus strigilatus* Pinto, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 143: Rio Gongogi, Serra do Palhão (entre o Rio de Contas e o Gongogi), Rio Jucuruçu (Cachoeira Grande).
- Trogon strigilatus strigilatus* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. do Bras., 1.<sup>a</sup> pte.), p. 287, em parte: Bahia (Belmonte, Serra do Palhão, Rio Jucuruçu), Espírito Santo (Rio Doce), São Paulo (Alto da Serra, Cubatão, São Miguel Arcanjo, Cananéia, Ilha do Cardoso, Iguape).
- Trogon strigilatus melanopterus* Pinto, 1947, Arquivos de Zool. do Est. de São Paulo, V, p. 376 (no texto). As locals. de Pinto (1938) acrescentam-se outras dos Estados do Espírito Santo (Rio São José, Chaves), Minas Gerais (Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Sussuí), Rio de Janeiro (Angra dos Reis) e São Paulo (Ubatuba, Caraguatatuba, Iporanga).

*T. s. melanopterus*, que difere da forma típica pelo tamanho médio um pouco mais avantajado (asa ordinariamente com mais de 150 mms.), habita ainda em nossos dias todas as regiões densamente florestadas do Brasil oriental, desde, pelo menos, o sul da Bahia até Santa Catarina (Ihering, 1914). É muito provável que sua dispersão para o norte alcançou os Estados do extremo nordeste, mas nada se pode dizer de positivo, pois é incerta a raça a que pertencem as aves de Pernambuco (Grant, 1892). Em São Paulo, e também provavelmente nos Estados mais meridionais, sua distribuição é limitada à faixa litorânea limitada a oeste pela Serra da Cantareira, de onde o Departamento de Zoologia possui um belo macho adulto; em Minas Gerais, porém, penetra bastante no interior, seguindo o vale do Rio Doce, até além da confluência do Rio Piracicaba (Pinto, 1947), sendo em toda essa zona o mais comum dos surucuás.

### **Trogon surrucura Vieillot**

Nesta espécie a característica mais saliente, por assim dizer diagnóstica, está nas retrizes dos três pares laterais, as quais, em ambos os sexos, têm a metade (ou o terço) terminal branca e a porção restante preta, sem vestígio de faixas ou raias. Nos machos

---

(\*) É provável que as aves de Pernambuco, de onde não possuímos exemplares, pertençam à forma típica de *T. s. strigilatus*.

adultos o alto da cabeça, a parte trazeira do pescoço e o peito são violáceos, puxando quase sempre a azul-ferrete, e não raro lustrados de reflexos verde-metálicos; a orla frontal, os lados da cabeça e a garganta, pretos retintos; o dorso verde-metálico, mais ou menos lavado de azul-ferrete e lustrado de reflexos dourados ou brônzeos; as coberteiras superiores da cauda azuis-violáceas com mistura muito variável de verde-metálico ou bronze; as rectrizes centrais (olhadas de cima) de igual colorido, até próximo à ponta, que é largamente tarjada de negro; o baixo peito, o abdome e as coberteiras inferiores da cauda variando entre o vermelho-encarnado vivo (*T. s. surrucura*) e o amarelo-alaranjado (*T. s. aurantius*), com todos os cambiantes de tom e intensidade de permeio; as coberteiras superiores das asas pretas, finamente chuviscadas de branco. Nas fêmeas a cor metálica, como o preto dos lados da cabeça e garganta, são substituídos pelo cinzento-ardosiado uniforme; as coberteiras superiores das asas, em vez de chuviscadas, são vermiculadas de branco, sobre fundo preto. Os dois sexos se equivalem em tamanho, correspondendo às medidas máximas (asa 142 mms., caudã 153 mms.) por nós verificadas a uma ♀ do Horto Florestal (Serra da Cantareira, prox. da cid. de São Paulo) e as mínimas (asa 122 mms., cauda 136 mms.) a um ♂ da Cachoeira Grande (Rio Jucuruçu, no sul da Bahia).

A combinação de branco e preto das rectrizes laterais é muito semelhante à encontrada nos ♂♂ de *Tr. strigilatus*. Isso cria semelhança superficial entre estes e certos exemplos extremos de *T. surrucura aurantius*, em que o abdome assume também quase o mesmo colorido; mas, fora o seu tamanho muito menor, e outras diferenças de importância taxinomicamente ainda mais considerável, nos ♂♂ de *T. surrucura aurantius* as coberteiras superiores das asas são chuviscadas de branco, ao passo que em *T. strigilatus* são pretas, sem mácula; nas ♀♀, cujas coberteiras alares são vermiculadas de branco em ambas as espécies, a diferença mais palpável está nas rectrizes laterais, as quais são tarjadas de branco e preto em *strigilatus*, e sem tarjas em *surrucura*. As rectrizes centrais da fêmea de *strigilatus* falta também a barra terminal preta característica das de *surrucura*.

### *Trogon surrucura surrucura* Vieillot

[*Surucua* Azara, 1805, Apuntam. para la Historia Natural de los pássaros del Paraguay y Rio de la Plata, II, p. 373, n.º 270: Paraguay.]

*Trogon surrucura* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., VIII, p. 322 (baseado em *Surucua* de Azara): Paraguay.

*Trogon surucua* Burmesiter, 1856, Syst. Uebers. Thiere Brasiliens, II, p. 274. Diz não haver encontrado este surucua durante a sua estada no Brasil, o

que não é de estranhar-se, visto como não percorrer a região por ele habitada. Dá, contudo, boa descrição, utilizando exemplares do Museu de Berlin, cuja procedência não indica.

*Hapalophorus surucua* Cabanis & Heine, 1863, Mus. Hein., IV, p. 199: Rio Grande (= R. G. do Sul). Registra o autor, afora o ♂ do Rio Grande do Sul, uma ♀ de proveniência vagamente indicada "Brasilien".

*Trogon surucura* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., I, p. 19: Mato Dentro (distante de Taubaté 5 léguas), Ipanema, ambas no Estado de São Paulo (20 exempls., coleccionados por Natterer).

*Trogon surucua* Berlepsch, 1873, Journ. für Orn., XXI, p. 272: Santa Catarina (Blumenau).

*Trogon surucua* Berlepsch & Ihering, 1885, Zeitschr. gesam. Ornithol., p. 160: Rio Grande do Sul (Taquara do Mundo Novo, Arroio Grande, Linha Pirajá).

*Trogon surucura* Grant, 1892, Catal. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 471: Paraguay, Santa Catarina, Lagoa dos Patos, Minas Gerais, abstração feita dos exemplares de procedência vaga (S. America), ou errônea (Bogotá).

*Trogon surucura* Ihering, 1898, Rev. Mus. Paul., III, p. 295: Estado de São Paulo (Piracicaba).

*Trogon surucura* Ihering, 1900, Rev. Mus. Paul., IV, p. 261. Nota sobre a observação de Th. Bischoff, que encontrou em Mundo Novo (Rio Grande do Sul) um ninho com dois filhotes. Descrição de dois ovos, remetidos de Iguape (litoral meridional de São Paulo) por R. Krone.

*Trogon surrucura* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Bras., I, Aves, p. 159: São Paulo (Caconde, Rio Mogi-Guaçu, Rio Feio, Itapura, Itararé, Rincão), Paraná ("Ourinho" = Jacarezinho). Baseando-se provavelmente em Hellmayr (1906), que se refere à presente forma ao estudar o tipo de *T. aurantius*, os autores retificam a grafia "*surucura*", usada por Grant e seus seguidores.

*Trogon surrucura* Hellmayr, 1908, Novit. Zool., XV, p. 88: Goiaz (cap. do Est. do mesmo nome). O autor consigna ainda exemplares de São Paulo (Vitória, perto de Botucatu, Hempel col.), Paraná (Roça Nova, na Serra do Mar, Robert col.) e Minas Gerais (Rio Jordão, Robert col.). É este último um dos raros registros da ocorrência da presente forma em Minas Gerais, onde deve confinar-se à porção mais ocidental e meridional do Estado, dita Triângulo mineiro.

*Trogonurus surrucura* Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist., XIII (Catal. Bds. Americas), pte. II, n.º 2, p. 327: Brasil (Est. de São Paulo) e norte da Argentina (Santa Anna, Territ. de Misiones).

*Trogonurus surucura* Sztolcman, 1926, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 133: Marechal Mallet (no Estado do Paraná).

*Trogonurus surrucura* Pinto, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª pte., p. 51: Valparaíso (oeste de São Paulo, perto de Araçatuba) e Sant'Ana do Paranaíba

(sudeste de Mato Grosso); op. cit., p. 802: Porto Tibiriçá (Rio Paraná), Est. de S. Palo). Os dois machos adultos de Sant'Ana do Paranaíba, não muito longe das fronteiras ocidentais de São Paulo e meridionais de Goiás, representam o primeiro registro da espécie no Estado de Mato Grosso, onde terá distribuição muito limitada.

*Trogonurus surrucura* Pinto, 1936, Rev. Mus. Paul., p. 69: Rio das Almas (não longe de Jaraguá, no Estado de Goiás) e Inhumas (sobre o Rio Meia Ponte, no Sul do mesmo Estado).

Esta raça abrange todas as populações meridionais de *Trogon surrucura* e se caracteriza, como vimos, pela cor vermelha-encarnada, ou rósea, do abdome. Sua área de dispersão começa, por assim dizer, na região florestada do norte da República Argentina (Formosa, Misiones), e leste do Paraguay (Rio Paraná, Sapucay, Independência), estendendo-se pelos estados meridionais do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até São Paulo, sudoeste de Minas Gerais (Hellmayr, 1908), sul de Goiás (Hellmayr, 1908; Pinto, 1936) e sudeste de Mato Grosso (Pinto, 1932).(\*) Em São Paulo é a espécie mais comum em todo o interior, onde quer que haja matas; mas, ao que parece, tem a sua distribuição limitada a leste pela Serra da Cantareira, pelo que não há notícia de sua presença no litoral, aí incluída a Serra do Mar.

A plumagem de *T. s. surrucura* está sujeita a sensíveis variações individuais, especialmente no que respeita ao colorido do abdome, cuja tonalidade ora é de um vermelho-carmim muito carregado, ora tirante a cor de rosa; mas sob este particular só merecem referência especial certos exemplares do Rio de Janeiro, cujo abdome pende para o amarelo-alaranjado, fazendo assim transição com *T. s. aurantius*. Nestas condições cita Hellmayr (1908) um macho de Nova Friburgo, do qual podemos aproximar outro da Serra dos Seabras doado há muitos anos ao Museu Paulista pelo Museu Nacional e já por nós (Pinto, 1938) registrado como *aurantius*.

No que respeita ao modo de viver e hábitos, parece nada haver de particular neste surucú. Azara, a quem se deve a observação mais antiga sobre a nidificação, viu-o no Paraguay fazer o ninho no alto das árvores, abrindo com o bico uma cavidade na base das casas de cupim. Conta ainda como pode ver um macho nesta operação, encarapitado no tronco à maneira dos picapaus, enquanto a fêmea assistia tranquilamente ao trabalho, de árvore próxima. Ihering (Rev. Mus. Paul., IV, p. 261) refere porém a observação, algo discordante, de Th. Bischoff, que encontrou em Mundo Novo (Rio

(\*) Além do exemplar de Sant'Ana do Paranaíba, registrado por Pinto, possui o Departamento de Zoologia um ♂ adulto coleccionado em novembro de 1939 pelo próprio Autor junto à foz do Córrego do Paredão, pequeno tributário do Rio Paraná.

Grande do Sul) um ninho com dois filhotes, feito "n'uma massa de musgo em cima de um galho forte" de árvore. R. Krone, por sua vez, remeteu de Iguape para o Museu Paulista dois ovos brancos medindo 33 x 25 cms.

### **Trogon surrucura aurantius Spix**

*Trogon aurantius* Spix, Av. Nov. Bras., I, p. 47, tab. XXXVI: "in sylvis Rio de Janeiro". A descrição é satisfatória; mas a estampa, pelo contrário, parece representar a forma típica de *T. surrucura*; não obstante, depois que Hellmayr (1906) examinou o tipo no Museu de Munich, tem-se como certo que a ave descrita por Spix corresponde à raça septentrional da espécie, peculiar à região de Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais.

*Trogon aurantius* Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., II, p. 279: Nova Friburgo (na Serra dos Orgãos, Estado do Rio de Janeiro). O abdome do ♂ é descrito como sendo amarelo-avermelhado (röthlich dottergelb).

*Aganus aurantius* Cabanis & Heine, 1863, Mus. Heineanum, IV, p. 192: "Brasilien". O autor baseia a sua descrição em dois machos e duas fêmeas, oriundas provavelmente do Rio de Janeiro.

*Trogon aurantius* Pelzeln, 1868, Zur Orn. Bras., I, p. 20: Minas Gerais e Monjólino (perto de Areias, não longe dos confins do Estado de São Paulo com o do Rio de Janeiro).

*Trogon aurantius* Grant, 1892, Cat. Birds Brit. Mus., XVII, p. 471: Nova Friburgo. Há ainda registro de vários exemplares de procedência vagamente indicada "Brazil", sem falar numa ♀ da "Guiana", localidade seguramente errônea, visto como não é admissível que o autor houvesse se enganado quanto à sua identidade. Com grande precisão, diz que em *T. aurantius* o ♂ "differ from *T. surrucura* only in having the breast and underparts orange instead of blood-red", reconhecendo assim implicitamente o parentesco que sabemos existir entre ambos.

*Trogon aurantius* Ihering, 1893, Rev. Mus. Paul., III, p. 295. O autor diz não conhecer a espécie; ensina todavia que ela é "apenas uma variedade de *T. surrucura*". Há erro quanto à distribuição que lhe atribui (Rio de Janeiro, norte do Brasil e Guiana), ao em vez de limitar-se à asserção de que ela "desde a divisa de São Paulo com o Rio de Janeiro parece substituir" a sua similar.

*Trogon aurantius* Ihering, 1900, Rev. Mus. Paul., VI, p. 161. Registra-se a ocorrência em Nova Friburgo e Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro. A notificação da espécie na última destas localidades é devida a Euler, cuja observação é reproduzida por Ihering à pág. 82 da mesma Revista.

*Trogon aurantius* Hellmayr, 1906, Abh. K. Bayer. Akad. Wissens. II Kl., XXII, p. 595. Estuda o autor o tipo de Spix, advertindo que *T. aurantius* parece ser o representante septentrional de *T. surrucura*.

*Trogon aurantius* Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. Bras., I, Aves, p. 159: Rio de Janeiro.

*Trogon aurantius* Hellmayr, 1912, Verhandl. Orn. Gesellsch. Bayern, XII, H. 2, p. 156: Braço do Sul (Espírito Santo).

*Trogonurus aurantius* Pinto, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 145: Cachoeira Grande (Rio Jucuruçu, no extremo sul do Est. da Bahia). A região em que foi coleccionado este ♂ adulto deve assinalar aos limites septentrionais de distribuição de *T. s. aurantius*, cuja ocorrência na Bahia parece ter sido assinalada apenas por Hellmayr (Novit. Zool., XV, 1908, p. 88). A coloração amarelo-alaranjada, perfeitamente típica, do espécime do Rio Jucuruçu contrasta com a cor intermédia, tirante a róseo, de um da Serra dos Seabras (Est. do Rio de Janeiro), mencionado pelo autor.

*Trogonurus aurantius* Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII (Catal. Av. Bras., 1.ª pte.), p. 291. Registram-se dois exemplares, machos adultos, respectivamente da Bahia (Rio Jucuruçu) e Rio de Janeiro.

Abstração feita dos já mencionados exemplos de transição, encontrados no Rio de Janeiro, o colorido alaranjado vivo do abdome não permite confundir *T. s. aurantius* com a forma típica de *T. surrucura*. Seu domínio geográfico tangencia ao sul o deste último, estendendo-se para o norte até o sul da Bahia (Pinto, 1935; Hellmayr, 1908), através do leste de Minas Gerais (vale do Rio Doce) e, sem dúvida de uma parte do Espírito Santo, onde todavia não foi até hoje registrado.